

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

HELYSSEN ASSUNÇÃO FRANÇA

EXISTÊNCIA ESTÉTICA, ÉTICA E RELIGIOSA EM KIERKEGAARD

São Luís
2014

HELYSSEON ASSUNÇÃO FRANÇA

EXISTÊNCIA ESTÉTICA, ÉTICA E RELIGIOSA EM KIERKEGAARD

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Wellington Lima Amorim.

São Luís
2014

França, Helysson Assunção

Existência estética, ética e religiosa em Kierkegaard! / Helysson Assunção França. – São Luís, 2014.

55f.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Lima Amorim

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2014.

1. Estética 2. Ética 3. Religiosa 4. Kierkegaard 0. Título

CDU 111.852

HELYSSEN ASSUNÇÃO FRANÇA

EXISTÊNCIA ESTÉTICA, ÉTICA E RELIGIOSA EM KIERKEGAARD

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Lima Amorim (Orientador)

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha – UFMA

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle – UFMA

Dedico este trabalho à minha noiva Greyce
Kelly Cruz e ao meu orientador Wellington
Lima Amorim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

Agradeço aos amigos do curso de Filosofia, pelo companheirismo, entusiasmo e inúmeras conversas filosóficas em sala de aula e fora dela.

Agradeço ao grupo de estudos em Kierkegaard da UFMA, na figura dos amigos Leonardo (idealizador do grupo), Claudiney, Francisco, Maria e Prof. William, pelos bons e proveitosos encontros que tivemos com o propósito comum de compreender o pensamento do filósofo dinamarquês.

Agradeço a Greyce Kelly, que me faz pensar e viver “as categorias da existência”. Por sempre me dar apoio nos meus projetos e na minha caminhada na Filosofia.

Agradeço aos professores do curso de Filosofia, pelo exemplo de dedicação, compromisso, entusiasmo e paixão pela Filosofia.

Agradeço especialmente ao meu estimado Orientador Prof. Dr. Wellington Lima Amorim, que de forma amigável me acolheu como orientando, com toda disponibilidade e generosidade, mostrando-me o caminho a seguir na pesquisa filosófica e na trajetória acadêmica.

“O religioso está presente desde o princípio. Inversamente, o estético está ainda presente no último momento”.

Kierkegaard

“Com a mão esquerda, ofereci ao mundo A Alternativa e, com a direita, Dois discursos edificantes; mas todos ou quase todos estenderam a sua direita para a minha esquerda”.

Kierkegaard

“Descreve o mundo estético com todos os seus encantos, cativa, se possível, o teu interlocutor, mostra este mundo tomando o tom da paixão que convém a esse homem, petulante se é jovial, triste se é melancólico; espirituoso se gosta de belas palavras, et.; mas, sobretudo, não esqueças uma coisa, a retenção da adição, o religioso a apresentar; age apenas e sem receio, porque, na verdade, este método só é possível num grande temor e tremor”.

Kierkegaard

RESUMO

O estudo tem como foco principal abordar a existência estética, ética e religiosa em Kierkegaard. Temas como a paixão e o amor são tratados aqui, relacionados aos modos de existência, com o fim de investigar como se passa de uma forma de existência à outra. Predomina um consenso de que o autor pode ser considerado um filósofo marcado pela repetição e ambiguidade, portanto, compreender exatamente o que ele tenta dizer não é tarefa fácil. O aspecto religioso em sua obra é fortemente marcado pela influência da convivência com o pai; também se fazem presentes com bastante frequência em sua obra, a crítica à sistematização de Hegel e os problemas existentes na Igreja Luterana. Quanto ao aspecto estético, ele aparece nas obras através da figura do Sedutor. Já o aspecto ético é representado pelo homem casado, fiel, que corresponde ao modelo determinado pelos padrões sociais. Conforme Kierkegaard existem diversas direções no desenvolvimento da vida, bem como distintos tipos de vida a escolher e, dentro de cada uma das três opções fundamentais encontram-se diversas características, as quais serão o foco desta pesquisa.

Palavras-chave: Estética. Ética. Religiosa. Kierkegaard.

ABSTRACT

The primarily work's focus is discussing Kierkegaard's aesthetic, ethical and religious existence. Topics such as passion and love and their relations with different existence's forms are discussed in this work, in order to investigate how they move from one form of existence to another. Prevails the consensus that the author can be considered a philosopher marked by his repetition and ambiguity; to understand what exactly he is trying to say is no easy task. The religious aspect of his work is strongly marked by the influence of living with his father; his review of Hegel and the Lutheran Church's systematization of the existing problems are also present quite frequently in his work. The aesthetics aspects appears in his works as a Seductive figure. The ethical aspect is represented by a married, faithful man, which is the model that meets the requirements of the society standards. Kierkegaard understands that there are several directions in the life's development as well as different types of life to choose and the features of each one of the three fundamental choices will be the focus of this work.

Keywords: Aesthetics. Ethics. Religious. Kierkegaard.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONTEXTUALIZANDO O PENSAMENTO DE KIERKEGAARD	11
3	ESTILO DE VIDA ESTÉTICO EM KIERKEGAARD	14
3.1	O processo de sedução	17
3.2	Vida estética e amor romântico	20
3.3	Alguns aspectos da ironia em Kierkegaard	21
4	CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO DE VIDA ÉTICO EM KIERKEGAARD	23
4.1	A Paixão	27
4.2	Amor e paixão no contexto ético	29
4.3	O amor no Matrimônio	30
4.4	Humor	34
5	ESTILO DE VIDA RELIGIOSO	36
5.1	Liberdade no estilo de vida religioso	40
5.2	A solidão no estilo de vida religioso	41
5.3	O amor no estágio de vida religioso	43
6	A RELAÇÃO ENTRE OS MODOS DE VIDA	46
5.1	Sobreposição dos estilos de vida	47
7	CONCLUSÃO	52
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Na qualidade de estudante de graduação do curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e interessado na investigação da vida e obra do filósofo Kierkegaard, proponho a compreensão dos estágios da existência conforme a visão desse autor. A motivação para o presente trabalho se fez no constante empenho em aprofundar o conhecimento sobre ele durante o período de graduação, no qual foi criado um grupo de estudos, que surgiu do interesse de um grupo de amigos da filosofia para abordar o tema.

Uma vez escolhido esse tema, o comprometimento teórico se materializou através da participação e apresentação de trabalho Sobre a Existência Estética em Kierkegaard durante o XII Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da SOBRESKI – Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard, ocorrido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, em Vitória da Conquista ocorrido de 05 a 08 de Novembro de 2013. No qual os estágios da existência passaram a ser investigados na tentativa de compreensão do pensamento de Kierkegaard. Durante o referido encontro, foram colocadas em suspensão muitas convicções construídas individualmente, para que outro olhar fosse formado em torno do assunto.

Apesar do recorte limitado, frente a extensa obra e inumeráveis temáticas trabalhadas pelo autor em questão, ressalta-se a relevância para aqueles que se interessam pela temática da existência e para as formas de se estar no mundo, bem como para o entendimento da necessidade de ter-se um profissional das ciências humanas interessado em investigar tais questões. A importância também se coloca para a Filosofia como campo de conhecimento, a fim de possibilitar a interlocução desta com outras áreas.

Diante do exposto, a tentativa que será feita durante o desenvolvimento deste trabalho é a de esclarecer e analisar o que, Kierkegaard está chamando de estágios da existência, tentando não recair em explicações simplórias que esgotem o assunto ou o encerrem, mas buscando se aprofundar nos conceitos, ao mesmo tempo em que são apresentados exemplos situados em suas próprias obras (passíveis de serem generalizados para situações da vida cotidiana).

A metodologia do trabalho seguiu a abordagem qualitativa, consistindo em uma revisão bibliográfica sobre o tema, com a apresentação da visão do próprio autor e de estudiosos que tem se dedicado ao pensamento dele. Dessa forma, o presente estudo procurou caminhar na direção de apresentar o pensamento de Kierkegaard, mas também analisá-lo; interpretá-lo e também entendê-lo. Esta análise será feita, principalmente, com base nas obras O Diário do Sedutor e O Matrimônio.

2 CONTEXTUALIZANDO O PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

Soren Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, em cujo local faleceu no dia 11 de novembro de 1855. Sua vida breve possibilita um contraste entre a qualidade e a extensão de sua produção, a qual, ainda não obteve classificação no meio acadêmico. Para Almeida e Valls (2007, p.7) Kierkegaard é um enigma.

Kierkegaard viveu seus primeiros anos de vida próximo ao seu pai, de quem recebeu muita influência no aspecto religioso. Ele se opôs à sistematização de Hegel e observou os problemas existentes na Igreja Luterana. Afastou-se da religião e, com a morte do pai em 1838, adotou uma forma de vida sem regras. Após esta fase nebulosa, seguiu seus estudos universitário, prosseguindo o Curso de Teologia e noivou como Regine Olsen.

Contudo, à medida que se definia a singularidade de sua vocação, começou a perceber que não seria capaz de partilhar sua vida com outra pessoa. Decidiu então romper o noivado, interpretando a decisão como consequência de uma vocação filosófica e religiosa (JOLIVET, 1979, p. 07).

Ao optar pelo isolamento, buscou-se a si mesmo dedicando-se as suas produções que se fundamentaram nos fatos de sua própria vida. Diante disso, é difícil separar sua vida de sua filosofia, uma vez que encontram-se relacionadas. No entanto, essa condição não torna banal e nem pessoal sua teoria, ao contrário, a fortalece na proporção em que se leva em conta a máxima existencialista: “a verdade é verdade para mim”.

Em relação a sua obra, observa-se que Kierkegaard utiliza uma estratégia de dissimulação, como um labirinto, onde o leitor é levado a enxergar o próprio rosto. Seus escritos têm sido estudados e analisados e, os grupos de estudos kierkegaardianos tem crescido de forma significativa, pelo mundo. Apesar dele mesmo não querer ser definido sob um rótulo, muitos títulos lhe foram atribuídos, tais como: literato, filósofo, mestre etc.

Face ao uso de vários pseudônimos, existem diversos Kierkegaard's, através dos quais, o autor defende posicionamentos diferentes por meio de distintos personagens. Nesse sentido, parece haver uma diversidade de posicionamentos em cada personagem, quando são destacados pontos de vista contraditórios. A

exemplo, o pseudônimo Johannes Climacus aborda a dúvida e a fé; Vigilius Hanfniensis trata sobre o pecado e a ansiedade; Johannes de Silentio e Constantinus Constantius discutem a ética e Anti-Climacus é considerado o cristão ideal. Kierkegaard não apenas se utiliza de personagens e idéias distintas, como também exercita a discussão em diversos pontos de vistas, incentivando o leitor a pensar por si mesmo.

Caso exista chave hermenêutica para compreender o nosso filósofo tal chave é o próprio Kierkegaard, mas para isso, faz-se necessário percorrer toda sua obra. De modo contrário, o risco de se enganar e de se iludir com a apresentação dos temas é muito grande. O autor desenvolve os estádios da existência como sendo uma metáfora escatológica, sendo o estágio estético representado pela caída, a vida baseada no momento sem consciência do tólos último da existência; o ético configura a auto-suficiência do homem que acredita ser capaz de resolver os problemas e edificar seu paraíso na terra, ficando frustrado e impotente; e no ético-religioso, o homem evidencia a incompletude da existência focada em si mesma e a necessidade de reconhecer a presença de Deus como realidade última.

Para Kierkegaard a religião ocupava um lugar privilegiado de reflexão e existência, fato este nunca contestado por nenhum crítico da área. Esse autor fora introduzido no mundo religioso desde sua infância, portanto, à reflexão e à carreira eclesiástica, contribuíram para o desenvolvimento de sua personalidade. Dessa forma, adentra-se a duas realidades existentes na religião pessoal do autor em destaque, sendo elas: de um lado, a revelação cristã e os seus dogmas e seus paradoxos inerentes e, de outro lado, está presente o aspecto psicológico próprio de uma família sob os efeitos de um credo coletivo marcado pela angústia, temor e tremor.

A partir do momento em que se torna explícita a vocação literária de Kierkegaard, a relevância da orientação espiritual desse autor, passa a ser revelada. Tal realidade faz-se presente pelo próprio escritor em o livro *O Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escrita*, que produzida em 1848: “o autor foi e é um autor religioso”.

O plano cristão geral encontra-se bem evidenciado na série de Discursos Edificantes, também chamados discursos veronímicos (nos quais o autor fala em primeira pessoa). Pelo fato das outras obras religiosas apresentarem pseudônimos,

há o reencontro de confissão disfarçada, e o existencialismo dialético dos níveis antecedentes. Ao se tomar por base a relação entre a estética e a ética esclarece-se esse novo plano da realidade, tratando-se, assim, de uma relação bem delicada.

O presente estudo tem por objetivo geral descrever a existência estética, ética e religiosa em Kierkegaard. A estrutura do trabalho apresenta-se em capítulos, nos quais faz-se uma abordagem sobre os estilos de vida segundo a concepção de desse autor.

3 ESTILO DE VIDA ESTÉTICO EM KIERKEGAARD

Conforme Kierkegaard existem diversas direções no desenvolvimento da vida, bem como distintos tipos de vida a escolher e dentro de cada uma das três opções fundamentais encontram-se diversas características. Assim, uma opção seria pelo estilo de vida estético, que é o estilo em que a pessoa busca viver a vida em todos os seus momentos. Estilo esse que o interessante é o prazer, onde há um grande fascínio pelo instante: “é imediato: vê-la e amá-la é a mesma coisa” (KIEREGAARD, 1994, p.20). Tem-se, então, o “Don Juan” que se satisfaz com suas conquistas e investe em sua simpatia e sedução como se tratasse de armas para o alcance de seus objetivos. Tal estilo de vida está mencionado por Kierkegaard em sua obra *Diário do Sedutor*, em que esse autor expressa a insatisfação do indivíduo por esse estilo de vida.

Nesse diário, está mencionado ainda, que todo indivíduo que prioriza esse estilo de vida percebe os outros como objetos de seus desejos como se tratasse de conquistas e, conseqüentemente de uma fuga, cuja imprecisão presente em sua vida estabelece um afastamento por não fazer parte da realidade. Nesse passo, a pessoa fica presa como em uma roda, em que a cada passo gira cada vez mais, no qual é impossível livrar-se. Portanto, fica preso no personagem que ele construiu ficando iludido por suas próprias intrigas. No entanto, o esteta não pode ser considerado como um egoísta que busca apenas a satisfação de seus desejos, como se verifica no seguinte relato do autor:

[...] evita falar de egoísmo, não se trata desse sentimento, e sim, de teu habitual impudor de rebelde. Como desprezas todas as prescrições da lei divina e humana, para livrar-te delas te aferras ao azar, que, nesse caso, é uma mendiga que desconheces. E, devido à tua simpatia ela deve estar toda ela, a serviço de tuas experiências. Esqueces sempre que tua existência neste mundo não pode estar fundada unicamente no azar e que, quando fazes dele o essencial, perdes completamente de vista o que deves a teu próximo (KIEREGAARD, 1994, p.20).

O homem vivendo no estilo de vida estético pode ser observado como um irresponsável, uma vez que o mesmo não tem consciência das suas escolhas, no sentido de que suas escolhas devem ser baseadas no discernimento das pessoas. Essa postura deve ser castigada e, de acordo com Kierkegaard o castigo é a loucura, que, para ele é bem pior que o “castigo ético do remorso”.

Quando o autor diz que: “minhas aventuras de amor têm sempre uma realidade para mim próprio” (KIERKEGAARD, 2002a, p.55), explicita como a máscara passa a ser o eu Nesse momento, o sedutor sofre ao se sentir a mercê do próprio acaso, tendo em vista ser levado por prazeres escolhidos por ele e, assim, somente dispõe do acaso daquele instante.

No estilo de vida estético, aquele que o adota, ao conquistar sua vítima, embora desfrute do prazer da conquista, posteriormente, realiza o objetivo de abandoná-la, uma vez que não consegue ir em frente, mas, sofre pela separação, portanto, não há a posse total do outro. O prazer ocorre de forma incompleta e não há realização como ser humano. Por não entender a própria existência, o homem encontra-se perdido e se entrega a uma ilusão que ele mesmo criou para si e para os outros.

Kierkegaard defende que todo aquele que escolhe viver no estilo estético torna-se uma presa da sensualidade e de uma alma essencialmente corporal. Entretanto, sente-se feliz, mas realmente não é, haja vista que o homem tem uma finalidade espiritual, porém não é satisfeita pelo estilo de vida estético. Na obra *O Matrimônio*, esse autor destaca que o viver no estilo estético implica na falta de consciência de si mesmo, e sem noção real de seus sentimentos, como se verifica na seguinte colocação: “Tens uma idéia tão elevada do teu amor que certamente qualquer mulher deveria se considerar feliz em ser a tua amada durante oito dias” (KIEREGAARD, 1994, p.11).

A intenção do esteta não é fazer mal ao outro, pois até entende que tudo que lhe é oferecido possui valor, isso significa dizer que se preocupa com o bem-estar dele, mas despreza os seus sentimentos como se eles não tivessem importância nenhuma. Suas atitudes não são intencionais. O esteta age pelo sentimento e não aceita a realidade como esta se apresenta. Dá atenção somente ao que é belo vivendo cada momento visando sempre o prazer, pois este consiste em sua meta precípua. Nesse viver está presente uma insaciabilidade que conduz à necessidade de outras conquistas e fuga de si mesmo pelo indivíduo que a vivencia. Nesse sentido, o autor faz o comentário a seguir:

O primeiro momento da conquista estética é, portanto o encanto, mas este é algo que não se mantém. Não existe permanência no estado de encantamento e precisa-se partir para outra conquista para recuperar o encanto perdido (KIEREGAARD, 1994, p.11).

Tal modo de vida está ligado à outra característica do ser humano, qual seja, a vaidade, que é vista como um pecado bíblico muito criticado, pois faz do indivíduo um escravo de seus prazeres nos jogos de conquista. Toda pessoa dominada pela vaidade vive um jogo incessante, visto que quanto maior o poder de conquista, mais se busca obter esse poder.

Com base nessas colocações, faz-se o seguinte questionamento: E, o sedutor caracterizado por Kierkegaard, pode ser um exemplo de vaidoso? Certamente, que sim. A conquista para ele é algo prazeroso, uma vez que o leva ao ato da conquista, podendo incorporar vários personagens, conforme o contexto de cada momento. Porém, após a conquista, há uma perda do interesse e, então, vai ao encontro de um novo desafio, de forma imatura.

Embora vaidoso, o sedutor Kierkegaardiano foge de seu desespero e, conseqüentemente, de si mesmo. Exerce ele com profundidade a vaidade, no entanto, não é levado por ela, mas, sim, pela vontade de fugir de sua própria realidade, ou ainda, da sua fragilidade e incapacidade de olhar para dentro de si mesmo. Portanto, não há racionalidade na maneira de conduzir sua vida, pois predomina seus impulsos e não o controle de seus sentimentos e vontades. Assim, nesse estilo de vida nada é visto como duradouro, pois, não existem fundamentos racionais, uma vez que tudo atende a impulsos e vontades. Desse modo, tudo é passageiro e o homem não se torna capaz para penetrar na consciência do próprio eu, ficando exposto às vulnerabilidades das aparências.

Angustiado, diante dessa situação, o esteta volta-se para fugir da angústia, o que passa a ser seu objetivo primeiro. Mas, perde-se na incapacidade de se interiorizar e se perceber como indivíduo, perdendo-se em constantes conquistas e objetivos superficiais e se iludindo com os personagens criados por ele. Distrai-se visando encobrir que é um desesperado sempre angustiado.

No estilo de vida estético estão presentes as seguintes características românticas: emoção, aventura e contingência, características as quais não necessitam de racionalidade, de escolha. Essas características não implicam em responsabilidade ou planejamento, e, por esse motivo, o indivíduo é eximido de culpa ou mérito pelo acontecido, como também não se deve vê-lo como uma pessoa má, visto que, o mal é percebido na intenção de cada ato. Ao agir de maneira irracional não cabe culpá-lo, salvo se sua atitude envolver algum delito.

A partir dessas colocações, deve-se entender que o sedutor não deve ser considerado como cruel na prática de seus atos, mas, sim, ingênuo e imaturo. Não tem ele por objetivo fazer mal ao outro, bem como não brincar com seus sentimentos. É possível que nem ele mesmo saiba que tudo é passageiro.

3.1 O processo de sedução

Ao pensar em sua estratégia para a conquista, o sedutor não a arquiteta com maldade, como normalmente há de se pensar, no entanto, assim o autor faz referência a esse momento: “Don Juan as seduz e as abandona, mas todo o seu prazer reside em as seduzir e não em as abandonar; não se trata pois, de modo algum, dessa crueldade abstrata” (KIERKEGAARD, 2002a, p.135).

O sedutor fica a observar a escolhida para a possível conquista, por meio da qual arquiteta sua estratégia, uma vez que cada uma delas apresenta algo diferente que o cativa de forma distinta. Nesse sentido, diz o autor sobre essa situação: “Sempre confessarei que uma donzela é um professor nato e que sempre será possível aprender com ela, se não outra coisa, pelo menos a arte de a iludir” (KIERKEGAARD, 2002a, p.94). Desse modo, o sedutor interage com o objeto alvo de sua conquista, analisando cada detalhe, cada característica construindo um perfil para sua personalidade, necessidades, desejos, valores daquela que intenta seduzir, conforme se percebe no relato a seguir:

Ela mudou e continua a mudar. Para explicar o estado da sua alma, diria que, atualmente, é o da audácia panteísta. Isto nota-se imediatamente no seu olhar. As esperanças que nele se refletem são audaciosas, quase temerárias, como se aquele olhar exigisse e pressentisse, a todo o momento, o extraordinário (KIERKEGAARD, 2002a, p.105).

Assim, verifica-se que o processo de sedução é racional e requer paciência, visto tratar-se de um jogo minuciosamente pensado em todas as suas fases, haja vista as colocações do autor: “Com a ajuda das suas qualidades espirituais, sabia tentar uma jovem, sabia atraí-la para si, sem se inquietar [...]” (KIERKEGAARD, 1994, p.17). Ao se aproximar do seu objeto, na tentativa de seduzi-lo, busca conhecê-lo, adquirindo confiança, ao mesmo tempo em que representando o personagem que imagina como ideal para a amante a ser seduzida.

O caráter racional do processo de sedução pode ser identificado nas palavras do autor a seguir:

Por outro lado, seria fácil perder-se o verdadeiro prazer, dado que a emoção demasiada é também nociva. Em relação a ela, tal medida revelar-se-ia completamente errada. Em poucas remadas eu abordaria talvez aquilo de que poderia de outro modo, usufruir durante muito tempo; sim, pior ainda, aquilo de que, usando de todo o meu sangue-frio, poderia obter o prazer mais completo e rico (KIERKEGAARD, 2002a, p.75).

Diante de tantas declarações e provas de amor, ocorre que a seduzida se entrega e confia ao sedutor seus sentimentos. Pode acontecer que ela perceba o jogo do sedutor e participe do mesmo, passando a ser também uma sedutora ou, então, mostrar insegurança não se dando totalmente. Entretanto, o mais comum que acontece é que a seduzida não perceba nada em relação ao processo de sedução, pois, o sedutor por ser inteligente e estrategista, e, ainda calculista não deixa dúvidas sobre seus sentimentos. Porém, às vezes, o jogo de sedução mostra-se tão ambíguo não ficando claro quem é sedutor e seduzido.

Nesse aspecto, o autor explicita que: “Mesmo na sua aventura com Cordélia, tudo foi de tal modo ambíguo que lhe era possível afirmar ter sido ele o seduzido” (KIERKEGAARD, 1994, p.17). Isso significa dizer, que a sedução produz mudanças na vida da seduzida. Em relação a esse fato, o autor comenta: “[...] onde poderias ver que uma dama, ao apejar do cavalo, se comprometeu de tal modo que esse fato veio a decidir toda a sua vida futura”. A seduzida acrescenta o sedutor em seus planos, no seu projeto de vida, e fica, a espera de seu futuro com ele, como salienta o autor:

Pode-se estar apaixonado por muitas ao mesmo tempo; porque as amamos de diferentes maneiras. Amar apenas uma é demasiado pouco; amar todas é uma imprudência de caráter superficial; porém, encerrar na sua alma todas as energias do amor de modo que cada uma receba o alimento que lhe é próprio, ao mesmo tempo em que a consciência engloba o todo - aí está o prazer, aí está o que é a vida (KIERKEGAARD, 2002a, p.70).

Além de estrategista, o sedutor é uma pessoa fria, detalhista que avalia tudo de forma minuciosa a fim de evitar erros. Assim, ele alimenta a seduzida visando mantê-la próxima a ele, conforme diz o autor: “O que lhe dou a ler é, na minha opinião, o melhor alimento: a mitologia e os contos” (KIERKEGAARD, 2002a, p.116). Obviamente, que tudo oferecido a ela, não passa de mentiras, ou seja,

mitologia e contos, e não a verdade do sedutor. Este se mantém sob proteção, pois tudo que oferece a ela é alegórico, o que contribui para que ele viva uma situação de insegurança e não aceita a sua própria verdade a fim de lhe conquistar, portanto, esconde-se ou, melhor, camufla-se como se estivesse com um véu.

Nessa dimensão, pode-se considerar o sedutor como um covarde, visto que ele não se entrega e não se expõe preservando as suas verdadeiras intenções. Protege-se como se tivesse construído uma muralha ao seu redor, sendo esta representada pelo seu personagem. Acha ele que não sofre porque suas relações são superficiais, mas seu sofrimento decorre do fato de nunca possuir nada e viver de mentiras. Assim, por conta dessa vida, o esteta de Kierkegaard não é ninguém no mundo, portanto, não tem ninguém de verdade. As suas conquistas são obtidas pelo seu personagem, criado por ele, mas mesmo sendo dessa forma permanece sozinho e vivendo de ilusões.

Na existência estética, muitos são os tipos de estetas, porém há uma característica observada em todos, qual seja: o sentimento do desejo, o qual pode ser afetivo, material, erótico ou outros. O desejo erótico é o exemplo usado por Kierkegaard, que afirma ser a existência estética movida por um desejo insaciável. Convém destacar, que esse modo de vida é marcado por uma necessidade contínua de fuga pelo próprio esteta. Pois, não há preparo do esteta para ver a si em profundidade, daí recorrer ao que parece mais fácil, exige menos trabalho, passa viver personagens de ficção, ou seja, uma postura superficial. A tentativa constante de satisfação de desejos conduz a um estado vicioso, que o prende a esse estilo de vida.

Normalmente, a vida é repleta de aventuras e riscos, conquistas e estratégias o que ocupa boa parte da mente humana. Na vida do esteta não existe monotonia nem tédio, mas, sim, muita agitação e irresponsabilidade. E, ainda, o indivíduo esteta procura esconder dos outros e dele próprio a sua verdadeira essência. Vive somente em personagem, nada possui, pois o que recebe não é para si mesmo, mas, para o personagem que construiu, que faz conquistas e ocupa o seu lugar. Portanto, não é amado porque não se coloca na situação de receber amor, não se entrega ao outro, ou seja, o outro não o vê para poder amá-lo. O estilo de vida estético relaciona-se ao amor romântico comentado a seguir.

3.2 Vida estética e amor romântico

Segundo Kierkegaard (1994), o lado espiritual constitui o suporte do material, isto é, o não precível é à base do precível. Por essa razão, ao se tratar de sentimento ligado somente com o exterior, desaparece no instante em que o desejo é satisfeito. Dessa maneira, quando fica apenas a parte exterior, surge, então, um sentimento finito, que denominado pelo autor de amor romântico. O aparente é temporal e o eterno é o que realmente é, portanto, passa a ser o permanente. Nesse sentido, torna-se coerente concordar que Kierkegaard tenha fundamentado bem essa questão, uma vez que ele parte do princípio da imortalidade da alma e de que ela é a parte mais relevante do indivíduo. Assim, uma espécie de sentimento superior deve estar ligado a mesma, mas não há garantia dessa ocorrência.

Como se percebe nas colocações do autor, o amor romântico caracteriza-se como imediato, pois, vê e ama, porém, mesmo dessa maneira, agrega seu valor. Este é o sentimento que o esteta dispõe para oferecer ao outro. A espontaneidade e liberdade são apontadas pelo autor como a grandeza do amor romântico, sendo este imediato por se basear em aparências e, portanto, não aceita considerações racionais. Apresenta-se baseado na beleza sensível, porém, tem sua nobreza, visto que inclui determinada consciência da eternidade, e, assim, constitui “o selo da eternidade o que distingue o amor da voluptuosidade” (KIERKEGAARD, 1994, p.21).

De acordo com o autor, o sensual é instantâneo, ao passo que o amor romântico pode estar relacionado à ordem moral que o livra da pura sensualidade. Nesse contexto, a paixão representa muito mais que a pura sensualidade. O sentimento do sedutor não se volta apenas para o físico, apesar de superficial e passageiro, intenciona um relacionamento pleno, marcado pela convivência com o outro não se limitando a uma relação exclusivamente sexual.

Para Kierkegaard (2002a, p.36), a paixão não significa apenas voluptuosidade, pois acrescenta ele que: “mais do que nunca me dão prazer às jovens e, entretanto, não tenho o desejo do prazer. É ela quem, por toda parte, procuro”. Convém ressaltar, que o sedutor somente se satisfaz com aquela por quem se apaixona cuja paixão é vivida em cada momento e sua intensidade depende do encanto pela seduzida.

Assim sendo, o amor romântico é o protótipo do estilo de vida estético, o qual pode ser mantido vivo, mas ao passar para os outros estilos de vida, tal sentimento adquire outras características. Existem três tipos de sedutor, os quais estão representados por Don Giovanni da ópera de Mozart, Fausto de Goethe, e Johannes do Diário do Sedutor. Don Giovanni é sensual e envolvente, preocupa-se com o presente e passa de conquista a conquista. Fausto é apaixonado por Margarida e se concentra na amada, para quem esta é a mais bela e perfeita. Fausto possui acentuada vida interior, portanto, não é qualquer uma que lhe serve como ocorre com Don Giovanni. Johannes é o sedutor diferente dos demais, pois ele é refletido e irônico e usa do Diário para registrar seu prazer (KIERKEGAARD, 2002a).

Como se percebe, não existe um único tipo de sedutor, como também em um mesmo estilo de vida estão presentes graus distintos de consciência e, portanto, diversos estilos de vida estético. O autor ressalta que entre esse estilo de vida e o ético está situada a escolha, pelo insucesso da vida estética, configurada pela ironia. Trata-se de uma conduta própria daquela que visualiza as características da vida infinita e finita, mas que ainda não tomou uma decisão pela vida infinita. Assim, seu estágio posterior será o estilo de vida ético.

3.3 Alguns aspectos da ironia em Kierkegaard

Em conformidade com esse autor, a ironia situa-se no desapego do homem pelo mundo, que persiste na obediência dele visando atender sua vontade. Considerando que a ironia já é reflexão, não se encontra mais no estilo de vida estético, mas, sim, passando para o modo de vida ético, momento em que se toma a decisão pela escolha. Dessa forma, a ironia representa o momento intermediário. Valls (2000, p.81), caracteriza a ironia nos termos seguintes:

[...] é da essência da ironia jamais desmascarar-se e usar de uma 'comunicação telegráfica', [...] é essencial ao irônico jamais enunciar a idéia como tal, mas apenas sugerir-la fugazmente, e tomar com uma das mãos o que é dado com a outra, e possuir a idéia como propriedade pessoal.

Ainda, de acordo com Valls (2000), na obra “Entre Sócrates e Cristo”, encontram-se diversas espécies de ironia, dentre as quais, destacam-se a ironia fingida e a romântica. A primeira consiste na ironia socrática que representa:

[...] uma atitude galhofeira, sem seriedade, ou pelo menos sem aquela seriedade carrancuda que tradicionalmente utilizamos, mesmo em coisas sem maior seriedade, quando a verdadeira seriedade deveria levar a sério somente o que é sério, [...] (VALLS, 2000, p.20).

Essa espécie de ironia pode ser considerada como um meio de comunicação, a qual implica em risadas como forma de ataque e defesa, mas isso não significa dizer o contrário daquilo que se pensa. A exemplo cita-se a postura de Sócrates quando se utilizou da ignorância como uma estratégia para manter uma comunicação, na qual deixou em aberto vários questionamentos a fim de que o interlocutor exercitasse a mente. Sobre esse assunto, Valls (2000, p.25) salienta:

De qualquer maneira, a ironia parece identificar-se geralmente com formas divertidas, mesmo quando disfarçadas. [...] A forma mais corrente de ironia consiste em dizermos num tom sério o que, contudo não é pensado seriamente. A outra forma, em que a gente brincando diz em tom de brincadeira algo que se pensa a sério, ocorre raramente.

Certamente, que essa ironia mencionada, não se constitui em maldade e nem ser avaliada com base em conceitos morais, no entanto, representa uma consciência superior. O irônico intenciona mostrar-se diferente do que é na realidade. Como um esteta por convicção, a ironia romântica como exemplo fica Johannes, conhecido também como o Sedutor do Diário, que é decidido pelo seu estilo de vida, porém reflete a sua ilusão pela vida, no entanto, coloca-se frente a sua paixão. Portanto, aceita-se como um iludido, porém indeciso quanto a mudar de vida. Assim, faz-se de feliz, mas sabe que é um refém das ilusões que ele mesmo criou para si e para os demais.

A partir dessas colocações, a ironia pode ser a razão pela qual o autor apresenta-se ambíguo, e escreve sempre ironizando. Dessa forma, segue o exemplo de Sócrates, ou seja, a estratégia das questões sem respostas. Algumas vezes, enfatiza idéias contrárias ao seu modo de pensar, levando ao erro conclusivo, mas aqueles que conhecem seu pensamento, apesar de se confundirem com suas argumentações conseguem racionar de forma correta.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTILO DE VIDA ÉTICO EM KIERKEGAARD

A existência ética é representada por aquela pessoa que é devidamente correta tanto com sua família e devotada ao trabalho. Tal estágio é configurado pela seriedade e por decisões consistentes, adotadas conforme os padrões morais. Portanto, é o estágio do homem considerado sério, razoável, bom marido, pai e cidadão. Assim, adéquam-se a interioridade e a exterioridade, a segurança da generalidade, partindo da qual se reconhece o indivíduo, podendo ele se libertar da angústia que surge do estar sozinho em interioridade, expressando-se de alguma maneira no exterior.

O existente ético geralmente faz parte de um grupo e adequa-se a exigências do mesmo. No momento em que assume seu papel nesse, o homem ético escapa de sua própria interioridade. Nesse sentido, o grupo maior, chamado sociedade pode ser compreendido como o exterior, o qual não deixa espaço para o interiorizar-se, e gera assim, a despersonalização, o anonimato, pois para Kierkegaard, a multidão é a mentira. Essa realidade iguala a todos, reprimi-os naquilo que têm de único e particular.

O conflito não existe entre desejo e dever e, no momento da opção pela maneira ética, deixa-se de lado a busca insaciável pelo prazer, e coloca-se em pauta as obrigações e deveres as quais são exigidas no campo da ética. Desse modo, na existência ética encontra-se presente algo que não havia na existência estética, algo chamado controle, racionalidade, só da razão na tomada de decisões, freio aos instintos, no entanto, não se tem ainda uma racionalização plena, uma vez que não conduz à opção de um parceiro, por exemplo, por interesses materiais.

No entendimento de Kierkegaard, deve-se desprezar uma vida calcada em interesses materiais, ligando-se às pessoas por dinheiro ou até mesmo por outro interesse. O autor indica diversos exemplos nesse aspecto, e mostra casamentos feitos por outros motivos distintos do amor, os quais seriam desprezados por ele. Portanto, ser ético não significa rejeitar sentimentos fazendo das escolhas uma opção por outros interesses distintos do amor, não significa usar o outro como meio para superar uma necessidade pessoal.

De modo contrário, a existência ética é a existência do dar-se, do sacrificar-se pelo outro, de amar ao próximo mais que a si mesmo. Verifica-se, que, no ético há

uma conciliação da vontade com a vida social, porém, não se trata de ser um escravo, uma vez que o bem é feito por querer. Aquele que aceita a esfera do ético, termina por abandonar o modo de vida estético por opção. Nesse ponto o existente ainda não é reconhecido como espírito, como também não se tem conhecimento de sua ligação com Deus. Por isso, a existência para o homem ético parece cega, e igualmente à existência do esteta expressa desespero.

Todo homem ético, busca refúgio no papel social, ignorando o local em que está o verdadeiro perigo, mas “[...] o pior e terrível é a estupidez ética” (DACOREGIO, 2007, p.45). Como já é capaz de controlar seus instintos, pensa que anda na estrada certa, porém equivoca-se, pois como o esteta, está preso, uma vez que está comprometido com várias coisas. Igualmente a existência estética, o ético vincula-se a tudo que é temporal e, assim, o indivíduo desesperado não toma consciência do que está acontecendo consigo. Chega a perder a eternidade e a si mesmo sem saber o que acontece.

O estilo de vida ético não detém valores constantes, visto não ser eles internos ao indivíduo e, portanto, tudo é passageiro. O existente ético nesse ponto, geralmente não tem consciência de seu desespero ou mesmo, tem consciência, porém não aceita tal fato e não pretende encontrar-se, conseqüentemente, acomoda-se no papel que exerce em sociedade, onde geralmente é cortejado e bem visto pelas pessoas, o que de certa forma lhe é agradável. Tal fato, o sentir-se confortável, pode ser perigoso, pois indica que os outros o aprovam e a pessoa que recebe tal aprovação pode acomodar-se. Quanto mais ele vive corretamente, maior é sua contribuição para o bem-estar dos outros, o que leva a dois problemas: ficar envaidecido por sua postura e confundir a aprovação social com postura correta.

Para algumas pessoas ser admirado socialmente é quase uma tentação, pois algumas pessoas anseiam por isso, por aprovação social dos outros e, neste fato, observa-se o quanto inseguro é o ser humano. E vivendo em grupo, mister se faz alinhar algumas condutas e comportamentos com os valores sociais vigentes. Importante observar, que até mesmo algumas escolhas, baseadas no gosto são influenciadas não poucas vezes, por opiniões da mídia, da multidão.

Daí surge o seguinte questionamento: Como se manter os gostos pessoais de forma genuína, frente à influência de padrões e comportamentos dominantes na sociedade? De certa maneira, pode-se afirmar que o ambiente social acaba por

manipular a consciência humana, modificando-se sem se perceber. Como se fosse uma “lavagem cerebral” que manipula a escolha pelo estilo de vestir, afetando até os mais altos níveis de pensamentos e ideias.

Comumente pensa-se que a multidão é a certa. Dessa forma, todos foram acostumados a pensar, de modo que, aquelas pessoas que se comportam diferentemente, daquilo visto como normal são sempre marginalizadas. É próprio da maneira de vida ética, o ato de padronizar comportamentos, exigindo, assim, uma uniformidade de posturas, uma vez que, o campo da ética é marcado pela busca de uma paz nas relações humanas e, para se atingir esse fim, há uma procura para igualá-los. Tais fatos constituem-se em perigos enfrentados pela vivência ética, assim pode a pessoa se perder em busca de querer ser aprovada pela multidão. O que pode acabar por deixar de buscar o que mais importa interiorizar-se no seu eu.

O existente estético vê o existente ético com certa ironia e o homem religioso também observa o erro ético, no entanto, grande parte das pessoas aceita sua conduta e tem admiração por ele. Por esse motivo, ao decidir pelo estilo de vida pautado na religião, o indivíduo encontra muita dificuldade, visto que, ele precisa abandonar a vaidade e a companhia dos demais seres humanos. Trata-se de um aspecto, o qual identifica a solidão do estilo de vida religioso, em cujo ponto, perde-se a aprovação e a admiração dos outros, ficando-se sozinho e incompreendido pelos demais.

De forma contrária ao esteta, aquilo que este não quer deixar de lado, o homem ético tem interesse em organizá-lo. A ética acompanha-se da continuidade, do tempo. O ético não aproveita com intensidade os momentos, tal como acontece com o estético. E, como consequência dessa realidade, o homem torna-se algo através do dever, e, assim, conforma-se ao universal. O esteta não possui moralidade, pois ele se apresenta indiferente a ela. Porém, o compromisso leva em consideração o outro, e, ao mesmo tempo, tenta uma conciliação entre a vida interior e a vida exterior.

No ético, a moralidade adiciona a eternidade, assim compreendida: “a verdadeira eternidade no amor, que é a verdadeira moralidade, tem por primeiro efeito, pois, salvá-lo do sensível. Porém, se há de se produzir essa eternidade verdadeira, é preciso que intervenha a vontade” (KIERKEGAARD, 1994, p.22). Dessa forma, a decisão pelo casamento, que significa a passagem do estético para

o ético, representa a decisão pela eternidade e o ético passa a dar sustentação à estética.

A vivência ética não deve ser vista como a exclusão da vivência estética, do prazer, mas, sim, a reorganização dela. Porém, ainda que havendo um salto, o vivente ainda é ele mesmo, ao mudar de estilo de vida. Nesse sentido, ocorre uma reorganização do estético, uma ressignificação: “[...] e a mim importa mostrar que mesmo na vida diária é possível ser fiel à estética” (KIERKEGAARD, 1994, p.12).

O modo estético permanece no interior do ético, porém reformulado, possibilitando que se tenha maior conhecimento de quem se é realmente e da pessoa com que se vive, sem a perda da beleza. O estilo ético permite que o indivíduo possa concretizar seu amor pelo outro, visto que no estético o que era feito pelo outro não era por amor ao mesmo, e sim por amor a si, uma vez que esse fazer era pautado no orgulho, tal como diz Kierkegaard (1994, p.14):

Já vêes que não te nego tampouco certo espírito de bondade e caridade; teu modo de socorrer os infelizes é verdadeiramente belo e a humanidade que demonstras não carece de nobreza; porém, creio também, ver nela um resíduo de orgulho.

Nesse sentido, o prazer que o esteta dar ao outro é por orgulho e não por amor. O homem ético sente-se reconhecido por fazer parte de um todo, um conjunto de indivíduos. Tal reconhecimento é mais relevante que qualquer interesse egoísta que conduza a uma realização individual. Assim, visando proporcionar um controle dos instintos, que é um estilo de vida superior ao estético, no entanto, não no aspecto de aliviar o desespero que, nesse ponto de vista, encontra-se presente no estilo estético. Neste, há uma fuga de si mesmo via prazeres, ao passo que no ético ocorre por meio das obrigações sociais.

Existe uma semelhança a existência estética e ética, qual seja a aprovação do outro. O esteta tanto quer ser amado, como também anseia por conquistar com sua simpatia e sedução, ao passo que o homem ético busca a aceitação social, quer que seus atos sejam vistos como corretos e admiráveis. Ainda, a necessidade de aprovação do outro não permite o olhar para si mesmo, para a aprovação de si mesmo, a verdadeira aprovação de si mesmo que leva a realização do eu.

A significância da ética na obra de Kierkegaard normalmente está circunscrita à interpretação e à compreensão do segundo estágio da existência, que está situado entre o estético e o religioso. Os equívocos quanto à concepção de ética são

atribuídos a esse autor desenvolver complexos personagens-pseudônimos que brincam com o conceito e o conteúdo da ética entre si. Nesse sentido, Almeida e Valls (2007, p.42) ressaltam que:

Poucos conseguem distinguir os significados da moral, da ética, da eticidade e do ético neste autor. E a ética-segunda é distinta da primeira. A tese que resume os limites da ética-primeira está em Temor e tremor e no Enten/Eller com dimensão crítica: 'A ética é o universal, e como tal vale igualmente para todos' e 'o ético é o universal e em tal modo o abstrato. Em sua completa abstração o ético se manifesta como lei'. A ética-primeira anula na universalidade a personalidade e a responsabilidade que se concretizam na escolha entre o bem e o mal, o ético e o não ético.

Muitos pesquisadores reduzem a ética Kierkegaardiana ao estágio ético da existência, no entanto, a ética em Kierkegaard não se resume ao estágio da existência ético. O que se observa, é que geralmente analisa-se a ética com fulcro em uma obra específica, sem levar em conta seu conjunto. Tem-se assim, uma grande limitação, visto que o estágio ético somente descreve uma fase, ou uma noção de vida e, por esse motivo não pode ser entendido como concepção geral de ética em Kierkegaard (ALMEIDA; VALLS, 2007).

4.1 A Paixão

Kierkegaard ressalta que o amor romântico requer reflexão e, dessa forma, o método teria como ser submetido à dúvida. Há evidências de que a paixão é muito forte, porém desmorona mediante a dúvida. Esse sentimento caracteriza-se como fugaz, instável, incerto, inseguro. Na existência do homem, o que existe de mais belo é o desejo erótico e Kierkegaard não o rejeita.

Dentro do amor a sensualidade não é somente sensível, pois o autor destaca que a carne não é o sensual, mas, sim, o egoísta. No entanto, mesmo assim, o espiritual pode ser sensual. Esse autor por sua clareza mostra que o desejo físico, no momento de um estado de paixão, é saudável, entretanto, o amor superior é aquele que leva à eternidade.

A paixão é considerada como a emoção primeira do amor e é importante manter-se fiel a mesma. Por isso, a paixão deve ser recordada mesmo sendo imperfeita, pois é possuidora de beleza. Tal paixão é reconhecida como sendo o amor-instinto, e este o momento da coisa primeira e, geralmente, as pessoas

gostam do primeiro. Quanto menos se repete, mais valor tem o primeiro. As primeiras emoções do amor são faladas como se elas não fossem repetidas. Porém, nessa coisa primeira está presente à totalidade e o amor já está incluso, em potencial. Assim, são felizes os que perpetuam o primeiro instante em um segundo, um terceiro, até a eternidade ao passo que os infelizes o vêem como primeiro momento.

Dessa maneira, para alguns é presente e para outros, passado e a eternidade recepciona a dualidade de passado e futuro. Essa eternidade surge até mesmo quando os apaixonados se sentem como se conhecessem um ao outro desde sempre e fossem destinado um ao outro. Ressalta o autor que, após a união, em um estado maduro, eles pensam assim, cujo pensamento expressa beleza.

Para esse filósofo, a paixão cega às pessoas, diz ele ainda que, por esse motivo, não são vistos os defeitos do parceiro (a), diferentemente do amor, onde vê-se claramente os defeitos, podendo-se ocorrer uma convivência pacífica com eles. No amor-instinto a pessoa contempla sua visão interna do outro, enquanto no amor eterno possui total visão. Assim, ele demonstra bem o que se vê realidade, na qual as pessoas parecem cegas quando estão apaixonadas, expressando que se trata de um sentimento imaturo.

No entanto, Kierkegaard não esclarece a razão pela qual isso acontece, também não esclarece se esta é uma forma única de se iniciar uma relação amorosa, bem como não demonstra se é possível não reconhecer esse estágio. O sentimento da paixão pega as pessoas de surpresa, tendo como característica um desejo forte na qual encontra sua liberdade. Não tem medo do perigo, possui a segurança do imediato e espontâneo, portanto, desafia o mundo. Acha desagradável a inexistência de obstáculos. Trata-se de um sentimento forte, porém, passageiro, o que pode ser observado nos apaixonados, os quais parecem capazes de fazer tudo pelo outro, e desse modo juram um ao outro o amor prometendo ser eterno fazendo planos futuros, ao se conhecerem.

Segundo Kierkegaard, há uma necessidade ética da eternidade da paixão, pois ela dá moralidade a esse sentimento. No compromisso com o outro frente à sociedade é que se encontra o lado ético. Nesse sentido pode a paixão tornar-se ética, na medida em que a pessoa apaixonada decide ficar com a pessoa perante os outros para que se torne ética. A paixão também existe na existência religiosa, pois

a mesma da sustentação ao religioso, conduzindo-a à união com o eterno. Entretanto, esse entendimento não está bem explícito para Kierkegaard, uma vez que este mostra em seus fundamentos que se trata de uma opção pela solidão. Para esse autor, ama-se somente uma vez na vida e, dessa forma está presente no verdadeiro amor terrestre a característica de ser único e de ocorrer apenas uma vez.

4.2 Amor e paixão no contexto ético

Para Kierkegaard diferencia-se o amor da paixão tomando por base seu caráter ético e religioso. A paixão é algo vazio, pois possui somente o lado estético, não aceita a renúncia e de qualquer forma pretende alcançar a realização de sua vontade. No entanto, a paixão não se apresenta egoísta, pois, falta a ela somente reflexão sobre a forma como se expressa. O amor de verdade implica em conhecimento e o saber acerca do que se ama.

O amor inicia-se do amor de si próprio. Este amor e o amor significam a mesma coisa, mas, o amor sublime é aquele dedicado ao outro. Segundo o autor, o amor sublime implica em viver para o outro e não para si mesmo. Amar exige uma entrega e, portanto, isto somente é possível quando o indivíduo deixa de lado o egoísmo, ou seja, abandona-o. Dessa forma, quem ama e conhece a si mesmo, está em condições de amar e se entregar ao outro. Assim, pode-se reconhecer, que esta sensata definição que aponta o amor como algo maduro e seguro seja aceita como satisfatória. Para tanto, necessário se faz que, antes de se ficar com alguém, deve-se saber quem se é e, o que se quer nesse sentido.

A conquista com base apenas no aparente, não pode ser comparada com o amor, pois significa enganar, para se ser amado é necessário mostrar-se ao outro. Conforme Kierkegaard, o amor é algo ligado à alma que não está baseado em qualidades, porém esse autor não responde as seguintes questões: Em que se baseia o amor? Em empatia? O autor não deixa claro a partir do quê o amor inicia-se.

Há uma tendência para se acreditar que o amor é construído, isto é, quando alguém se apaixona por outro alguém e se decide incluir nessa relação, o ético, que significa ficar com a pessoa e se comprometer com ela. Nesse momento, torna-se, necessária uma reflexão que só ocorre nesse estágio. Daí, interrogar-se: O amor é

algo programado? Não é um sentimento natural? Só a paixão é natural? Mas o que faz eu decidir ficar com esta e não aquela paixão? Tudo isso não está claro. Ao se considerar que o autor é um filósofo religioso, cabe pensar que ele acredita na existência de um Deus, de um certo destino e predeterminação. Sabe-se que, para um luterano, Deus é o criador, onipotente, onipresente e onisciente, que tudo pode, em todos os lugares está e tudo sabe. Esse Deus define um destino quando cria o homem, mas, ao mesmo tempo, dá-lhe o livre arbítrio. Logo, tudo que acontece com ele, é responsabilidade do próprio, que faz escolhas em sua vida.

Kierkegaard diz que muitas coisas podem ser definidas e, dentre elas, supõe-se incluído o amor. O encontro com a pessoa a ser amada está condicionada ao destino por uma predestinação divina, mas, o ficar com essa pessoa e a condução do relacionamento depende de uma decisão, de uma escolha. Em face dessa tomada de decisão, o autor defende a escolha pelo modo religioso, para amenizar o desespero que é mesmo e irremediável. Pois, ao lado disso, sabe-se que algumas coisas acontecem independente da vontade do ser humano.

Em relação ao costume, Kierkegaard afirma que se trata de um termo que não pode ser empregado para o amor, na medida em que esse se relaciona com o mau e expressa falta de liberdade e esta faz parte do bem. Por ser o amor um bem, a liberdade está contida nele, pois no amor não existe o costume. Porém, Kierkegaard não diz como tal liberdade deve ser mantida e como afastar o costume.

Na verdade, a vida em comum é responsável pela presença do costume e a preservação da liberdade parece que não afeta o indivíduo nesse aspecto. A teoria do amor defendida por Kierkegaard mostra que o aspecto interno deve sempre prevalecer sobre o externo. Para o autor, esse amor é superior sublime, mas não elimina o erótico. O amor é imediato porque já se faz presente no primeiro momento, no entanto, não deixa de ser conquistado e nem toda paixão caminha para o amor, porém todo amor necessariamente, deve possuir espontâneo da paixão para se tornar possível a livre escolha.

4.3 O amor no Matrimônio

A respeito dessa questão, Kierkegaard inicia dizendo que o amor é “a mais bela das missões que foi proposta ao ser humano” (KIERKEGAARD, 1994, p.12).

Para esse autor, o amor representa a realização humana, uma vez que é o alimento necessário para chegar ao casamento. Na essência do matrimônio, o amor preserva o valor e a beleza do erótico. Como a Igreja sublima o matrimônio, a sensualidade não é considerada pecado, pois ela está interiorizada no amor e, com efeito, no matrimônio. Daí, ser possível enfrentar os conflitos diários preservando a vida estética.

De acordo com o autor, o amor deve ser renovado diariamente, sendo, portanto, importante dar-lhe atenção, uma vez que os deleites vão diminuindo com o tempo, podendo-se até esquecê-los caso não seja o amor renovado. Entende-se que, para Kierkegaard é possível manter o encanto, e, por essa razão, isso implica na manutenção das gentilezas com o outro.

O “casamento de razão” como menciona o autor, destaca um tipo de melancolia, sendo ela: a melancolia egoísta que se caracteriza pelo horror à união, por conta da falta de certezas em relação ao outro, que poderá mudar com o tempo, vista como a insegurança sobre si mesma. Assim, deve-se viver o momento, dia a dia, mas, mesmo dessa forma, não se alcançará a consciência da eternidade marca característica da moralidade. Nesse casamento, o amor é intermediário da razão pensante e do amor instinto, uma vez que baseado em interesse, no cálculo, no egoísmo. Tal união é vista pelo autor como desespero, ou seja, a busca pelo dinheiro e posição social. Portanto, nela não está presente o eterno, visto que a há um cálculo sobre o temporal, fazendo ser a referida união frágil.

Segundo o autor, paixão e matrimônio são compatíveis. Para que se torne histórica, a paixão deve ultrapassar o matrimônio. O alicerce do matrimônio cristão é o amor e, excluindo-se o amor, a vida de casado passa a ser apetite sensual ou sociedade de interesses. Surge, então, o seguinte questionamento para Kierkegaard: O amor precede ou segue ao matrimônio? E assevera: o amor não aparece com o tempo. A Igreja não deve abençoar o casamento sem amor.

Conforme o autor, o noivado consiste em um amor irreal que se nutre da possibilidade de ocorrência. Esse momento ajuda aqueles que não têm coragem para se casar, mas o casamento impõe uma ligação eterna, o que os levam a fugir da situação. Porém, para Kierkegaard o matrimônio não pode ser imposto, mas opcional. No entanto, o momento do noivado possibilita a vivência ética, ajudando o

vivente a sair do estético, pois este é fugaz, belo e leve conduzindo à dureza. O noivado não possui a realidade ética do casamento.

Para o autor o interessante é o casamento, e aqueles que noivam estão fugindo do casamento. Por ser um compromisso social, o noivado consiste no primeiro momento ético do amor. Para ele somente o matrimônio possui resignação fazendo que um mesmo momento seja ético, religioso e erótico. O amor matrimonial é coisa de alma é quando acontece a união do sensível e do espírito. O amor revela-se no se dar entre as pessoas. É possível ser o que se é, ou seja, é possível ser livre mediante o afastamento dos desejos temporais (estéticos) e de normas sociais (éticas). A resolução da resignação constitui também um elemento muito relevante. As pessoas pensam no que ganham e não no que se perde. A decisão pela união com o outro ocorre com a plenitude da conquista do amor.

Dentre os motivos do matrimônio, o autor ressalta: casar-se para afirmar o caráter, ou seja, pensa-se que o matrimônio educa o caráter (é antiestético e irreligioso, pois nega o sentimento); casamento para ter filhos (filhos como herdeiros, perpetuando a família, cresci e multiplicai-vos) nesse tipo falta moralidade e estética; casamento para escapar da solidão, ou seja, para ter um lar, não se deve casar por necessidade (o indivíduo deve ser independente antes de se envolver) unir a outra pessoa e, após certa idade, cada indivíduo deve procurar conhecer e cuidar de si mesmo. O problema é “fazer de um momento particular da união o motivo da união” (KIERKEGAARD, 1994, p.73). Aquele que vive uma união em razão de outros motivos diferentes do amor não cruzou com o outro o qual pretendia pertencer plenamente. E, acrescenta o autor: “só quem é feliz sozinho, pode sê-lo com o outro, pois o outro não pode ser a solução dos nossos problemas” (KIERKEGAARD, 1994, p.73).

Nesse sentido, o matrimônio necessita ter como único motivo o amor para se concretizar, pois, consiste em grande erro casar por paixão ou interesse. Mesmo vendo outros atrativos no casamento, eles não podem ser vistos como o principal componente da união. O autor não crê na possibilidade da convivência no casamento fazer surgir o amor. O matrimônio somente é abençoado quando já existe o amor, com a superação do encanto ilusório da paixão. Antes de se pertencer a uma outra pessoa, é necessário ter-se segurança de si mesmo e não

precisar do outro. Para Kierkegaard, “quanto mais livre o indivíduo, mais beleza estética possui o matrimônio” (KIERKEGAARD, 1994, p.73).

Esse autor defende que a conquista não deve parar, e a mesma deve ser levada em consideração sempre, nunca se considerando que o conjugue está conquistado. O amor começa quando o mistério não existe mais, e, ainda, o amor conjugal move-se para dentro. Essa conquista não implica na perda do pudor, do respeito e do cuidado com o outro.

O exterior, no que se refere aos problemas não deve influenciar a vida do casal, uma vez que com o amor é possível interiorizá-los. A traição para Kierkegaard representa mentir, enganar, esconder. Ser fiel ao casamento significa ser verdadeiro, mostrando-se quem se é de verdade, ao outro. Assim, a infidelidade diz respeito à falta de sinceridade e sua presença é natural no estado de paixão. Trair implica em não se deixar conhecer, não se mostrar. No amor, a fidelidade é uma escolha. Considerando-se que o modo de vida ético baseia-se na relação com os outros, pelo fato de o casamento ser também um compromisso social, torna-se inevitável que os outros façam julgamentos sobre ele.

O autor trata também da questão da rotina, referindo-se que não se deve desprezar gentilezas e surpresas, porém, não se deve viver em função delas. Quando se diz que o primeiro beijo é o melhor, isso não passa de uma ofensa aos outros e condicioná-lo ao tempo e, ainda, é uma forma de repúdio à rotina do casamento.

Ao falar do costume, o autor menciona que ele é algo negativo no amor por estar relacionado à falta de liberdade. Na relação amorosa deve-se preservar a individualidade e a liberdade de cada indivíduo envolvido. Afirma também, que a eternidade no amor é espontânea, logo, não é pretendida, embora o amor resulte da escolha. O amor faz história e esta para ocorrer depende de tempo. As características do amor conjugal abrangem:

[...] ser fiel, constante, humilde, paciente, longânimo, indulgente, sincero, modesto, vigilante, fervoroso, dócil, alegre, virtudes essas que são propriamente disposições do foro interior. O indivíduo não luta contra inimigos de fora: vence-se a si mesmo (KIERKEGAARD, 1994, p.128).

Segundo esse autor, em geral os homens se separam em posições errôneas e vivem de esperança e de recordações, portanto, não vivem no presente. O que se deve viver é o amor de cada dia.

4.4 Humor

O estilo de vida ético tem consciência da falha de não estar ligado à sua existência e de sua responsabilidade por esse fato. Aquele que pretende deixar de ser “pecador” depende de vontade interior, que consiste no arrependimento visto como o último momento da esfera ética, no qual se torna possível o salto para o estilo de vida religioso. Assim, o humor é considerado como intermediário entre o ético e o religioso.

A distinção entre o humor e a ironia está baseada na tomada de consciência do seu nada pelo primeiro, implicando em uma revisão de valores. O humor está frente à desproporcionalidade na relação entre o homem e Deus, que é reconhecida nesse estágio intermediário pelo homem.

Ao compreender que a fé leva à solução, o sujeito encontra-se preparado para viver o estilo religioso. Isso significa dizer que o indivíduo percebe o engano ao viver na esfera ética e, então, passa a viver o estado de humor que configura a consciência do erro cometido, ou seja, o conhecimento de uma necessidade de evolução para o estágio de vida posterior (porém, como ainda não foi feita a escolha por ela, havendo, assim, espaço para o humor).

Denomina-se humor a esse meio termo, visto que existe em seu estado um determinado prazer por perceber o engano vivido pelo indivíduo. Verifica-se, então, sua incapacidade para perceber essa realidade antes e dar o primeiro passo rumo à evolução, tendo em vista que, anteriormente à escolha é necessário um instante para levar em conta e avaliar o que se tem e o que se pretende possuir.

Pode-se comparar a uma situação de dúvida. Dessa maneira, não se deve deixar um estilo de vida por outro sem estabelecer comparações, as quais são realizadas no estágio intermediador do humor.

O humor é um rir de si próprio, um rir de sua condição finita frente à infinitude do absoluto (Deus). Caracteriza-se como um estado de prazer e aceitação da realidade da existência humana. Representa o último estágio antes da fé, que é percebida como a resignação infinita, na qual ocorre a tomada de consciência do valor interior de si próprio (o homem).

Portanto, os estágios de humor e de ironia intermediam os estilos de vida estético e ético e ético e religioso, respectivamente. No entanto, essa realidade não

deve ser vista como uma sucessão de etapas sempre superadas no decorrer da vida e que os estilos de vida ocorrem de maneira sucessiva.

5 ESTILO DE VIDA RELIGIOSO

O estilo de vida religioso está diretamente relacionado à fé da existência de Deus. Segundo o autor, o único caminho para o homem livrar-se do desespero é a tomada de consciência de fé. Quando o indivíduo mergulha em si mesmo, encontra o poder que o criou e, assim, o modo religioso possui profunda interioridade.

Para ele, o estilo religioso constitui o último e mais significativo passo para que o indivíduo interprete a si mesmo e encontre o sentido de sua existência. Entretanto, ressalta-se que antes de se entrar nesse estágio de vida, o “eu” busca a libertação de si próprio, porém o seu criador, ou seja, Deus, obriga-o a permanecer sendo o “eu” que é e, por esse motivo ele se desespera, tal como se observa no texto a seguir:

[...], o que ele quer, portanto, é separar o seu eu do seu Autor. Entretanto aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o a ser o eu que ele não quer ser. Todavia o homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção (KIERKEGAARD, 2002b, p.25).

A falta de consciência do desespero pode ser entendida como uma maneira de desespero. Dessa forma, tanto o esteta como o ético, acham que são felizes, mas não o são, uma vez que procuram desvencilhar-se de si próprios. Pois, antes mesmo de se relacionarem com Deus, frustram-se e, sem mais ter fé não resistem sobre a reflexão acerca do nada no qual estão inseridos. E, ainda, a fuga do eu não será possível, pois, cada um é aquilo que é e, portanto, não poderá ser uma outra pessoa, senão ele próprio. Porém, pode refugiar-se no personagem fingindo pensar, agir e sentir como ele, interiormente é aquilo que é e não há como ser de outra maneira, assim: “Ser este ‘eu’ que ele quer faria a sua delícia – se bem que em outro sentido o seu caso não seria menos desesperado – mas o constrangimento de ser este eu que não quer ser, é o seu suplício. Pois não pode libertar-se de si mesmo” (KIERKEGAARD, 2002b, p.25).

O homem, como possuidor de espírito infinito, não se relacionando com Deus, leva uma vida temporal e, por essa razão, não será ele mesmo, visto que não satisfaz seu “eu” espiritual. Assim, não poderá ser feliz e se realizar, por esquecer uma parte de seu eu, pois sem esta a outra parte sequer poderá viver. Para Deus

tudo é possível, logo é Nele que se encontra conformação. Os homens acreditam que vivem por demais felizes, quando preferem os outros estilos de vida e, assim, priorizam a ignorância. Vivem eles iludidos em um excesso de felicidade, ou seja, na perspectiva do imediato, do frágil. O desespero é decorrente do receio de perda da eternidade e, sobre tal perda, o outro não faz nenhuma menção, pois não suspeita acerca da mesma.

O homem que vive nos estilos de vida ético e estético, não tem conhecimento do que acontece com ele próprio, como também não compreende sua vida e percebe como desespero o que não é visto como desespero. “Em vez de salvar tua alma, entregando-te a Deus em cada coisa, em vez de tomar este atalho, te comprazes em desvios sem fim que te conduzirão a parte alguma” (KIERKEGAARD, 1994, p.16). A fraqueza e imperfeição contribuem para a busca do homem pelo estilo de vida religioso, tendo em vista que o modo de vida ético não apresenta solução para essa realidade.

Para Kierkegaard o modo religioso possibilita ao homem encontrar aquilo considerado como perfeito. Pois, “um espírito religioso desenvolvido tem o hábito de dirigi-lo todo a Deus, de penetrar e fecundar com esse pensamento toda a circunstância finita, a qual, assim, enobrece e santifica” (KIERKEGAARD, 1994, p.16).

A fusão entre os modos de vida ético e religioso nem sempre será possível, uma vez que todos não podem casar-se e galgar um *status* social. Essa fusão é dificultada porque alguns deles não se relacionam com os demais, mas buscam um relacionamento com Deus. Nesse sentido, entende-se que Kierkegaard queira dizer que aqueles, que decidem pelo ético, podem adicionar ao mesmo, o modo religioso, no entanto, o contrário não pode acontecer.

Tem-se, assim, uma mudança do ético para o religioso, este respeita a moral, porém, seus preceitos não significam tudo para ele. Deus distancia-se do que é mundano. Cada modo de vida possui seu próprio mistério, seu segredo e este não tem espaço no ético, na esfera social. Ao analisar o caso de Abraão, usado por Kierkegaard como exemplo em uma de suas obras, o autor ressalta que no domínio ético Abraão é considerado como um assassino, porém no aspecto religioso, foi ele fiel a Deus. Do ponto de vista moral, tinha a intenção de matar Isaac e do religioso era sacrificá-lo. Abraão viveu exclusivamente voltado para fé, refém da solidão e do

abandono. De acordo com a ética dos homens, sacrificar o filho é um ato absurdo e desumano. A fé supera a razão e a ética e conduz ao absoluto. Tal fato expressa a ausência da mediação humana, visto que não pode haver transição racional entre o finito e o infinito.

O modo de vida religioso de Abraão manifesta-se através da confiança dele no propósito divino e da forma silenciosa como aceitou esse intento. O silêncio constitui um elemento indispensável no estilo de vida religioso, uma vez que ele consiste na maior expressão de solidão, marco desse estágio de vida. Na história de Abraão, verifica-se a presença de um silêncio total, que torna difícil avaliar e entender seu conflito interior. Assim, algumas conjecturas são feitas a partir da análise da conduta desse cavaleiro da fé, como é conhecido Abraão, tendo em vista que não existem registros de informações dele, ou questionamentos feitos por ele a Deus, como também alguma revelação que possa esclarecer com exatidão o sentimento de Abraão. A fé como um paradoxo expressa egoísmo e abandono do amor a si próprio. E, ainda, suplanta o raciocínio, mas não suprime a razão, sem esta não se teria um ato humano, por esse motivo não há paradoxo absurdo porque o uso da razão permanece.

O indivíduo religioso tem consciência de que nesse âmbito a moral é ultrapassada, visto que somente são observados os deveres com Deus, cujo fato é denominado pelo autor de suspensão teleológica da moral. Nesse momento, coloca-se em risco sua relação com os outros homens. Assim, ocorre o domínio da solidão e este evita que se confirme a aceitação da confiança em Deus. Portanto, tem-se uma condição de “temor e tremor”.

Para Kierkegaard, o exemplo de Jó, ou seja, de perda em nome de Deus, leva à reflexão sobre a escolha da fé no sentido de vê-la como correta, pois por ser uma opção a fé implica em dúvidas. Convém ressaltar, que o conhecimento da insegurança e incerteza da relação com Deus, conforme o autor implica na identificação da fragilidade do estágio de vida religioso, pois, embora o homem de fé seja visto como menos angustiado, o que é normalmente percebido nos indivíduos de fé, pode-se inferir que tal fé constitui o antídoto para o desespero. Mas, deve-se verificar em outra dimensão, que não é correto que aqueles viventes da fé sintam-se sempre seguros em sua fé, tendo em vista que duvidam diversas vezes, visto que, não podem sentir-se totalmente confiáveis e seguros em uma relação, na qual o

outro envolvido não responde e, ainda, sequer podem pesquisar se ele é existente ou não.

O estilo de vida religioso deve ser concebido como variável, uma vez que, no matrimônio apresenta uma estrutura de maneira diferente, haja vista que preserva os demais estilos de vida. Mesmo com o salto e abandono do ético no matrimônio, esse estilo de vida não suplanta o modo estético, pois não pode deixar de ser corporal e concreto e o ético, por não excluir o querer o outro bem. Porém, os modos ético e estético podem ser transformados pelo religioso no âmbito do matrimônio, alcançando, assim, uma forma superior chamada de concentricidade pelo autor.

Embora a vida religiosa requeira uma vivência total da fé, por meio de uma conversão plena, mas, como esta ocorre raramente de modo repentino, não acontece abandono pelos demais estilos de vida, visto que para se atingir a religiosidade passa-se por um processo. Mesmo sendo o ato de escolher uma contingência, uma vez que o salto é uma questão de escolha, posso dizer que ocorre uma “gradação” (dentro do matrimônio), na medida em que, geralmente, ao se chegar na esfera religiosa, já se passou por fases, entre elas a ironia, a dúvida e a reflexão.

Como se observa, até o salto de fé de Abraão não aconteceu de forma súbita e radical, pois houve um processo, visto que se tratava de um homem de fé, que, aos poucos estabeleceu uma ligação, fortalecida diariamente, com o divino, cujo ápice foi alcançado no sacrifício feito do seu filho Isaac, em atendimento à ordem divina. Esse sacrifício tornou-se possível pelo fato de que já existia um longo caminho de fé anteriormente a esse momento que assegurou confiança absoluta nas determinações divinas. Assim, constata-se que: “Essa esfera mais alta é a da religião, na qual terminam a reflexão e a razão e assim como nada é impossível a Deus, tampouco nada é impossível ao indivíduo religioso” (KIERKEGAARD, 1994, p.29). Com base nessas conjecturas, tudo é permitido no estilo de vida religioso, no qual, comumente a racionalidade está suspensa.

5.1 Liberdade no estilo de vida religioso

Nos estilos de vida ético e estético, segundo Kierkegaard, o homem fica sujeito a máscaras construídas por ele com a finalidade de fugir dele próprio. Assim,

a verdade, a consciência de si mesmo e a realização da alma formam a chamada liberdade. Portanto: “É na esfera do religioso onde os indivíduos conseguem ser livres [...]” (KIERKEGAARD, 1994, p.60). Nesse sentido, não se faz referência a liberdade de fazer o que se pretende, ou seja, a vontade própria, um descompromisso, mas, sim, uma liberdade de ser que permite ao indivíduo ser ele mesmo.

No modo de vida ético, apesar de já existir amor pelo outro, levando em consideração suas necessidades, a razão não ocasiona o mal vindo do esteta, pois há respeito pela liberdade do outro, havendo também uma fuga em um personagem. O indivíduo quando ético representa o papel social que é esperado dele cedendo ao geral e, dessa forma, deixa sua individualidade de lado. Dessa maneira, o indivíduo incorpora o personagem de homem correto mediante as leis, abandonando seu interior. Nesse estilo de vida, a presença da racionalidade torna-o superior ao estético, porém nada faz visando libertar o indivíduo, pois de maneira contrária, mantém ele aprisionado nas normas sociais e o força a esconder de si próprio e dos outros sua interioridade.

No estilo de vida estético, a performance de sedutor, que as pessoas usam para se esconder dos outros e de si próprias, consiste na prisão mais elementar existente, visto que é direcionada por instintos e é prejudicial aos outros, ainda que não queira: “exerce uma influência funesta sobre as pessoas” (KIERKEGAARD, 1994, p.15).

O indivíduo passa a vida em um ciclo do qual não consegue desvencilhar-se, como se tivesse adquirido o vício de conquistas e do prazer da sedução e, conseqüentemente, torna-se refém de seus prazeres e da insaciabilidade. Por se tratar de um modo de vida voltado diretamente para o perecível (corporal), não há permanência em suas conquistas, haja vista que ele se cansa do conquistado, pois este não possui nada de superior, no seu entendimento. Dessa forma, enfadonha-se daquilo que é perecível, e por não manter contato com o imperecível de si próprio e do outro, parte para nova conquista, tornando-se refém de tudo que é novidade. Por não se satisfazer, passa a ser prisioneiro do prazer da conquista, porém, em suas conquistas não consegue libertar-se do personagem criado por ele, tendo em vista que com essa criação que conquistou o outro, o qual caso conheça alguma coisa de sua verdade, certamente se desinteressará.

No estilo religioso, a conquista da liberdade somente ocorrerá quando o indivíduo não estiver mais em condição de escravo de seus instintos e desejos, como também da exigência social. Ressalta-se que nesse contexto, o social não permite a introspecção. Kierkegaard concentra sua teoria no indivíduo, atribuindo valor à introspecção sendo esta característica essencial do ser único. Por ser eterna, a alma é o mais relevante no homem. A liberdade implica em conhecer-se, depois de profunda interioridade e encontro com Deus. Somente será livre aquele indivíduo que conhece sua verdade e transcende o mundo das aparências e material.

5.2 A solidão no estilo de vida religioso

Kierkegaard em toda extensão de sua teoria dá muita ênfase na interiorização que somente é possível por meio da relação com Deus, sendo esta que direciona para a liberdade. Na concepção desse autor, o indivíduo somente se liberta no modo religioso, que é considerado como garantia de vida plena com felicidade e realizada. Apenas com a interiorização do eu este vive a sua própria verdade, ficando, então, livre para ser ele próprio, isto é, livre de acordo com o sentido da palavra, o que acontece com muita solidão.

Cada indivíduo nasce com características, necessidades, personalidade e um projeto de vida exclusivamente seu, ou seja, a idéia religiosa de ter sido criação de Deus. Sua vida interior não pode ser compartilhada, por isso que vive sozinho. Quando em sociedade, parece não estar sozinho, porém na realidade, ninguém o compreende ou, é igual a ele e muito menos compartilha pensamentos e emoções. Morre sozinho levando com ele tudo que construir espiritualmente e, então, relaciona-se com Deus de maneira completa.

Segundo o autor, não se pode fugir do fato de que o ser humano é sozinho por sua própria natureza, visto que o verdadeiro que existe nele não pode ser mostrado aos outros. Essa definição está clara na teoria desse autor, quando ele determina como exclusiva forma de ser feliz a profunda interiorização religiosa, que nos distancia totalmente dos outros. Por esse motivo, seria possível configurar o ser humano como sozinho, tendo a solidão como característica fundamental, à frente de várias outras se incluindo o desespero e a angústia. Assim, o ser humano entra em

desespero porque é sozinho e livre, pois não pactua seu destino com os demais seres humanos.

Caso existisse uma maneira de viver juntamente no sentido de igualdade e acompanhado nos seus sofrimentos, angústias, na sua “vida interior” não existiria desespero; face a essa realidade Kierkegaard não indicaria o modo religioso como o único com capacidade de oferecer apoio e felicidade à existência humana, e, assim, esse autor se voltaria para o estilo de vida ético, no qual o indivíduo encontra alento no grupo.

Todo ser humano é propenso à solidão, visto que, mesmo se relacionado íntima e verdadeiramente com alguém, sempre estará sozinho. A solidão é considerada como algo interno que não se exterioriza. Mesmo em uma vivência de amor verdadeiro e de muita intimidade, em que não compartilhados sentimentos e pensamentos, a solidão continua a existir. Na verdade, não se deixa de ser sozinho, apesar de termos alguém que nos entende e nos ama. Essa realidade talvez venha a ser a angústia contínua do ser humano, ou seja, sentir-se sozinho. Daí, Kierkegaard definir a relação com Deus como um remédio para a natureza humana.

O homem ao se relacionar com Deus vive uma sensação de estar acompanhado e não sozinho. A idéia sobre Deus que esse autor expressa está relacionada a um Ser que tem conhecimento a respeito de tudo, vê tudo que acontece e, portanto, somente Ele, além de nós próprios, pode nos conhecer realmente e nos fazer menos sozinhos, visto que, há uma ligação transcendental com todos nós, isto é, algo que ultrapassa a esfera da vida física. Dessa maneira, pode-se aceitar que o estilo religioso possa ser visto como o único a oferecer alento ao ser humano face a sua condição de vida.

Nesse ponto, retomamos a discussão da fé, ou seja, de saber até que ponto essa relação é segura e confiável, a fim de verificar se a fé em questão é inabalável. Para que haja alívio da angústia humana, por meio da fé, esta deve ser plenamente segura, livre de qualquer dúvida. No entanto, parece difícil existir fé sem dúvida, sem instantes de revolta e, assim, torna-se um tanto complicado determinar uma realização total do eu no estágio de vida religioso.

No tocante a solidão e a relação com Deus, em que está presente a consciência. Mesmo que o autor não faça menção constante ao termo consciência

em suas produções literárias, percebe-se a importância dada por ele a essa característica humana, nesse sentido, assim ele faz referência a ela:

Oh! Sem dúvida que estaríamos garantidos, se apenas na eternidade nos tornássemos indivíduos. Todavia, indivíduos éramos e perante Deus o continuamos a ser sempre, e até o homem metido num armário de vidro está mais à vontade do que, perante Deus, cada um de nós na sua transparência. Isso é consciência. É ela que dispõe tudo de tal modo que um relatório imediato segue cada uma das nossas faltas, e é o próprio culpado quem o redige (KIERKEGAARD, 2002b, p.112)

No entendimento do autor a felicidade é impossível nos estilos de vida estético e ético, exatamente por causa da consciência, que nos obriga a sermos o que somos e sentir remorso pelo fato de não sermos verdadeiros conosco e com os demais seres humanos. A consciência é a responsável pelo apego do ser humano ao estilo religioso, uma vez que somente nesse modo de vida ela se assume como tal. Por mais que o ser humano pretenda fugir de sua própria vida, sendo esta representada tanto na vida estética quanto na ética, a consciência não pode ser eliminada, pois é ela que nos leva ao que somos concretamente e, ainda, aponta nossos erros, intenções em nossos atos, como também integra-se na solidão de cada indivíduo sendo algo apenas dele.

A consciência não é a causadora da angústia no ser humano, pois ela constitui nesse processo apenas, um instrumento, tendo em vista que a sua causa é a liberdade de escolher sua vida. Por meio da consciência se constata a condição em que se vive e, conseqüentemente vem à angústia. A consciência apresenta-se por graus, os quais vão se aproximando até atingir o estilo de vida religioso.

Para o nosso autor, a consciência conforme o sentido pleno do termo é considerada inerente ao ser humano, salvo em situações de doença, quando se questiona a sua presença ou não, todo ser humano a possui. Dessa forma, os modos de vida ético e estético estão sujeitos a mais um sofrimento, sendo este a consciência que os impõe, a saber, mesmo sem identificação de que algo não está certo.

5.3 O amor no estágio de vida religioso

No entendimento de Kierkegaard, a religião representa o mais alto nível dos estágios da vida. Nesse sentido, o amor reencontra o infinitivo, uma vez que, sem fé

cada momento esvazia-se em si próprio. A fé conduz ao eterno e ao que é duradouro. Esse autor acrescenta, que não há imposição para o rompimento com a natureza humana para que o homem possa ser religioso. Assim sendo, no estágio religioso é que ocorre a permissão para que o amor alcance sua condição mais superior e mais sublime em que se verifica a posse e a entrega de si próprio em sua totalidade.

No amor acontece a complementação dos três modos de vida, da seguinte forma: a esfera estética traz o erótico que participa com o matrimônio com a escolha livre; a esfera ética contribui com a responsabilidade e a reflexão que está presente no casamento; e, a esfera religiosa participa com o divino que possibilita ao amor um nível superior no momento em que o casal permite-se intensa interioridade de forma verdadeira.

Quando essas esferas são percebidas em seu próprio mundo, ou seja, isoladamente, verifica-se que na estética, o sedutor busca o prazer que leva ao amor, mesmo que este não se contente com a posse, mas, sim, com a posse da mente e da liberdade dos outros. Todo sedutor é visto como um ator que dramatiza seu papel de conquistador para realizar seu intento. Portanto, ele somente representa, por esse motivo não há o encontro consigo mesmo, e, conseqüentemente, jamais aprofundará suas relações amorosas, ocorrendo, então dispensa de normas morais que impedem o alcance da vida religiosa.

A dimensão estética nessa situação exterioriza-se cabendo entendê-la como superficial. E, ainda, na vida do sedutor não há espaço para a solidão, pois continuamente ele se prepara para novas conquistas. As questões existenciais são ignoradas por ele, pois usa sua inteligência exclusivamente, para a busca do prazer. O uso de máscaras pelo homem impede que ele perceba o desespero e, até mesmo pensa ser um outro para se libertar de si próprio. Enquanto não estiver consigo, não é possível estar de forma verdadeira com outra pessoa.

Este momento é considerado pelo autor, como o estágio da paixão, no qual se faz livremente a escolha, sem reflexão. Ao passo que, no estágio ético é dedicado ao decidir ficar com a pessoa pela qual, o sedutor apaixonou-se na esfera estética. Nesse estágio, efetiva-se a união social no sentido de que se concretiza o compromisso mútuo entre ambos. Porém, a fé revela-se como o amor, e a razão não se encontra capaz para prová-la e explicá-la. A sua energia é a paixão, isto é, a

paixão da fé. E, conseqüentemente, quando está presente a paixão, há também angústia e dor.

A paixão pela fé constitui um impulso da fé, que implica, por um lado na não escolha da fé. Dessa forma, pode-se mencionar que, para se adentrar no estágio de vida religioso, necessariamente, deve ser feita a escolha, no entanto, a fé representa algo que toma por inteiro o indivíduo, não a escolha no aspecto de possuí-la ou não. A escolha da fé é feita sem o uso da razão, o que significa dizer, que não se decide por ter fé, mas, sim, passa-se a tê-la. Nesse sentido, Valls (2000, p.162), enfatiza que: “um homem pode fazer muitas coisas por um outro, mas dar-lhes a fé, isto ele não pode”.

O estágio religioso é considerado como a esfera mais verdadeira, uma vez que nesse nível que há a ocorrência do encontro com o infinito através do qual são atendidas todas as necessidades do homem enquanto espírito, como também o amor alcança seu estado mais sublime e se concretiza de maneira plena. Entretanto, pelo fato do autor colocar que não se explica a fé com base na razão, pode-se atribuir a falta de clareza em sua explicação sobre a evolução dos anos nesse estágio. Portanto, talvez se possa entender que, nesse estado o amor conduza ao espiritual e, por esse motivo, haja um afastamento das coisas mundanas e, assim, alcance o grau superior.

O processo de maturidade consiste em se ver o outro no eu, o que se encontra presente na esfera religiosa. Desse modo, a maturidade permite que se observe no outro o eu, e, por esta razão, não há egoísmo e nem separação entre o outro e/ou, passando os dois a serem uma única coisa em decorrência da união pelos sentimentos. Segundo Kierkegaard, no estágio religioso todos os fatores surgidos anteriormente, servem de instrumentos para materializar o amor na dimensão física em que se vive, no entanto, o amor já está ligado à alma. Se o amor está vinculado ao eterno, também apresenta-se como eterno. Assim, passa-se a entender que, desde que se ame uma vez, este não será destruído, por estar ligado ao eterno, à alma.

6 A RELAÇÃO ENTRE OS MODOS DE VIDA

De acordo com Kierkegaard, o singular tem a opção para escolher entre três possibilidades ora mencionadas. Os modos de vida são considerados como atitudes, sendo estas modificadas pelos sentimentos. A seguir, far-se-á uma relação entre os três modos de vida visando esclarecer se eles se sobrepõem ou se as pessoas passam por eles sucessivamente, além de outras considerações sobre alguns aspectos vistos como importantes.

No entendimento de Nogare (1988), os estilos de vida constituem estados, pelos quais, os homens não se encaminham de maneira necessária e sucessivamente, visto que é uma opção que, cada um define na vida. Conforme esse autor, a formação, educação, constituição e livre escolha, o sujeito vivencia um dos três estados, anteriormente referenciados. Para Nogare (1988), a razão pela qual Kierkegaard destaca o estágio religioso como sendo o melhor, fundamenta-se no fato de que ele atribui a ele, a salvação do indivíduo, visto que, o modo estético é anárquico e instável, gerando, então, o desespero, ao passo que o ético assegura constância e conformidade trazendo tranqüilidade e respeito, porém, por se instalar no geral, ou seja, no social, não levando em conta a vocação pessoal de cada indivíduo, em particular.

Do ponto de vista de Giles (1975), os estilos de vida não são sucessivos e nem se excluem simultaneamente, pois, ao se passar de um para outro, fica mantido aquilo que foi superado. Nos seus escritos na obra *O Desespero Humano*, Kierkegaard ressalta que a liberdade que leva o homem a angústia, é possível levá-lo também ao desespero. Tendo em vista que qualquer decisão constitui um risco, tendo em vista que a pessoa vive um mundo de incertezas, e, ainda, sob a pressão de uma decisão que pode se tornar angustiante.

Existem duas maneiras de fuga que para o homem se distancie dessa angústia e desespero. Uma delas é a fuga para o estágio estético, quando o homem se entrega aos prazeres e, assim, passa a viver na inconsciência de quem ele é realmente. A outra consiste em sua fuga para o estágio ético, quando o homem passa a ser um autômato, pois sua vida passa a limitar-se a um papel social ignorando o próprio eu. Portanto, o caminho que leva a verdade é a interioridade,

sendo esta que leva a subjetividade. Essa interioridade é encontrada no modo de vida religioso.

O desespero decorre da dificuldade do homem de se relacionar consigo mesmo, enquanto “eu” que se abre às possibilidades. A relação com Deus não é considerada como necessária, no entanto, a escolha é possível. O desespero faz parte da natureza do homem, portanto, sua presença é uma constante no ser humano. Para Kierkegaard o pior desesperado é aquele inconsciente do seu próprio desespero.

Como existencialista, Kierkegaard valoriza a experiência individual, bem como as escolhas de cada indivíduo. Esse autor, ao escrever que o estilo de vida religioso (solidão) é melhor, está baseado em sua própria experiência, pois ele renunciou à vida estética marcada pela sedução e à vida ética de marido. Assim, rompeu com a noiva voltando-se para a solidão, considerando-se feliz como um homem sozinho. Tudo isso, representou uma escolha do filósofo, e, assim, pode-se questionar se esse posicionamento pode ser generalizado. Dessa forma, o estilo religioso configurado por Kierkegaard, talvez possa tratar-se de uma ilusão maior do que o autor coloca. Após o conhecimento da realidade não há, portanto, como se safar dela. Porém, se é possível optar pela ilusão e viver uma falsa condição de felicidade, parece ser melhor tal situação do que viver sozinho com uma companhia que não atende aos apelos do outro lado e, do qual somente é possível ter fé.

6.1 Sobreposição dos estilos de vida

A relação estabelecida entre os estágios de vida pode ocorrer em duas direções: sucessão e sobreposição. Considera-se plenamente possível e, quiçá, mais comum a passagem do estágio estético para o estágio ético e deste para o estágio religioso. No entanto, do estético para o ético ocorre uma gradação e, com efeito, torna-se possível uma sobreposição em que ambos confundem-se. Já, do estágio ético para o religioso ocorre um rompimento, o salto da fé e, assim, passa a ser impossível uma sobreposição entre o ético e o religioso. Portanto, não se verifica uma gradação na qual ambos os estágios misturam-se, mas se observa um abandono da racionalidade ética, do compromisso com o outro e, por esse motivo,

dá-se a escolha definitiva de não participar mais do ético que possibilita a aceitação social.

Os indivíduos que estão nesse estágio de vida encontra-se só com Deus, com ele próprio e sua fé, porém sua vinculação com o absoluto ainda não se completou por ele estar vivo, tendo em vista que a ligação completa existirá somente depois da morte quando a alma existe por si mesma.

Pode-se dizer que o estilo de vida ético absorve o estilo de vida estético, mas através de uma adaptação das características do segundo estilo para o estilo ético, pois: “na verdade o matrimônio não está naturalmente desprovido do elemento religioso, porém, comporta por sua vez o elemento erótico” (KIERGAARD, 1994, p.43). Com essa absorção, o ético transforma o estético em histórico, incorporando a continuidade não presente no estético que é momentânea. Nesse sentido, Kierkegaard acrescenta: “toda a beleza do erotismo pagão conserva seu valor no cristianismo, na medida em que é compatível com o matrimônio, [...] A aparição do religioso não pode aniquilar a paixão” (KIERGAARD, 1994, p.58). Ao passo que, no estilo religioso necessário se faz, questionar até que ponto esse estágio absorve o ético, podendo haver coexistência entre ambos.

A transformação do religioso em relação ao ético parece ser de um nível tão elevado, o quê, talvez não se possa nem se chamar ética, visto que, mesmo que o indivíduo atenda as regras morais, estas são individuais e não recepcionam a necessidade do outro. Daí, questionar-se qual o entendimento sobre ética senão a área em que o outro é considerado e respeitado? Abraão pode ser visto como exemplo para se refletir sobre essa realidade. Na sua fé, Abraão mostrou consideração ao outro? Não! Somente desconsiderou o outro, como nunca explicaria sua atitude para com ele. Pois, sua ação foi tão particular que não há como ser compartilhada e o abandona com sua solidão.

A solidão é considerada como a característica essencial no estágio de vida religioso, a profunda interioridade e o salto da fé, que estão presentes nesse estágio de vida e impossibilitando uma relação ética com os outros. Assim, o salto da fé constitui um ato de solidão que o precede e também o sucede. Porém, é necessária uma forte solidão para que ocorra o salto para depois se permanecer nela, haja vista, que a volta é impossível. Nesse aspecto, Valls (2004, p.17) salienta:

[...] às vezes a ética e a religião são aliadas naturais por suporem ambas a categoria fundamental da “escolha” [...] por outro lado há situações em que certas éticas se isolam e se opõem a uma surpreendente aliança entre o estético e o religioso. Um ladrão que rouba o céu uma hora antes de morrer na cruz ou uma pecadora pública que é perdoada são exemplos da proximidade do estético com o religioso, sem a mediação da ética, a qual, porém, normalmente seria aquela instância, ou deveria sê-lo, que dá ao amor uma história, dá às paixões uma institucionalização, busca racionalidade para o sentimento, procurando sintetizar numa dimensão superior a estética com a ética.

Esse autor estabelece uma relação entre os estágios de vida, levando em conta que existe uma maneira de conciliar ética e religião, pelo fato das duas estarem baseadas em escolha. Ao lado disso, a junção da estética com a religião pode, algumas vezes, impedir a participação da ética pressupondo continuidade, história, e racionalidade. Os exemplos incluindo a pecadora e o ladrão preso na cruz revelam a união do estético com o religioso sem envolvimento da ética e, ainda, sentindo-se a necessidade de sua exclusão. Ética e religião podem ser associadas porque, para tanto, requer escolha, a exemplo do sentimento de amor. Um relacionamento que passa do estágio estético, no qual o sentimento apresenta-se superficial, mas para o ético, é necessária a escolha. Assim, há uma decisão em fazer do sentimento algo incluso no contexto social e, conseqüentemente, direcionado por normas morais.

Também por escolha, do ético ocorre à transição para o religioso, em que o sentimento pode ser aprofundado por existir uma ligação com o eu infinito do outro e de si próprio. Nesse ponto, possivelmente, pode-se dizer que há um relacionamento ético/religioso, uma vez que ambas as esferas se complementam, sendo garantida por uma delas a condução do sentimento na vida prática e a outra, leva ao alcance de um sentimento verdadeiro vinculado à alma e, portanto, pertencente ao mundo “espiritual”.

Vale ressaltar que em um relacionamento, pelo fato de envolver duas pessoas e a ética representar a esfera em que se contempla o outro, torna-se indispensável à presença do estilo ético. Portanto, presente o estilo religioso no casamento, este precisa preservar o ético a fim de que, ainda que religiosamente, o casal se relacione entre si, de outra maneira esse feito não seria possível e existiriam duas pessoas juntas, porém vivem em profunda solidão com uma interioridade incomunicável.

Dessa forma, toda relação ético-religiosa contém componentes de ambas as esferas. A exemplo, o compromisso estabelecido com o outro, a escolha feita para se unir àquela pessoa escolhida, a presença de normas éticas voltadas para o relacionamento visando o respeito aos direitos da outra pessoa, inclui-se no estilo de vida ético. A natureza religiosa da união revela a ligação do casal com o divino, que possibilita aprofundar o sentimento e, ao mesmo tempo, torná-lo eterno.

A consciência religiosa do casal, que propicia a realização espiritual, é o elemento que oferece a garantia para que o relacionamento nunca termine. Se, o eu somente pode conhecer a si próprio e se realizar, com o fim de remediar sua angústia na fé, para que o amor torne-se eterno e o casamento não chegue ao seu fim, ambos devem viver em estilo religioso, a fim de que seu amor apresente-se ligado à alma (por ser religioso) e não se trate de um compromisso não definitivo. Assim sendo, é possível a existência de amor vivido no estágio de vida ético, no entanto, ele possui garantia de ser eterno, desde que alcance também a esfera religiosa. E, nessa condição, no casal, não se pode desprezar o ético ao se atingir o religioso, visto que, como já mencionado anteriormente, continuam se relacionado e, obviamente, devem se respeitar mutuamente.

Deve-se levar em conta que a ética quando presente em um relacionamento é vista como própria, pois o casal determina as normas de convivência atendendo os aspectos individuais de cada um e os demais pontos discutidos na relação. Mas, ao lado disso, há uma terceira pessoa que se estabelece chamada relacionamento. Pois, são indivíduos, porém uma única pessoa em seu relacionamento. De outra forma, algumas éticas ficam isoladas e se opõem a sua união com o estilo de vida estético ou com o religioso.

Um sistema ético ao se tornar muito rigoroso, com regras bem definidas podendo dizer-se intransigentes, não será possível adequá-lo ao estilo de vida direcionado pelos desejos do estágio estético. A exemplo ressalta-se que dentro de um casamento não será possível que os desejos estéticos assumam o comando, uma vez que qualquer das partes conciliará suas atribuições de um bom companheiro (a) com as conquistas estéticas pretendidas (no campo amoroso)?

Ademais, outros aspectos do estilo de vida estético, a exemplo da paixão, podem ser adequados ao estilo de vida ético. A paixão pode ser mantida no relacionamento ético, podendo-se viver de modo estético em outros aspectos, dentre

estes, no que se refere ao lazer, os desejos com relação a outros aspectos da vida que não a relação íntima. Assim também, a ética não é permissiva a muitos atos religiosos, como o exemplo de Abraão.

O estágio religioso não permite determinadas normas, visto que não necessita delas e não as aceita. Caso este seja o domínio da plena entrega à vida espiritual, as normas da vida “mundana” podem não ter serventia e até atrapalhar a união do eu com o divino. No estilo de vida religioso ocorre uma entrega, o salto da fé, excludor de todas as regras, mas para esta entrega, o eu tem que ser livre.

7 CONCLUSÃO

De acordo com Kierkegaard, a estética está contida naquele que será conquistado, a beleza consiste no ultrapassar a dúvida e a estética é algo que pode ser mantido na vida matrimonial. Para ele a posse é o interessante, sendo esta uma arte, enquanto que a conquista seria algo menos graduado e mais fácil. A posse envolve a conquista e, esta, portanto, decorre da superação de todos os empecilhos e dificuldades. O possuir conseqüentemente é superior à conquista, pois neste estágio o indivíduo se esquece de si mesmo, ao passo que naquele apenas recorda-se como uma lembrança. Assim, a conquista (pelo personagem criado para a sedução) faz com que o eu deixe de ser lembrado para cair no esquecimento, ou seja, no abandono.

O termo posse não quer dizer ser dono do outro, haja vista, que, no amor, a liberdade necessariamente deve ser respeitada. No entendimento do autor, esse termo é utilizado para definir que esse tem de verdade o sentimento do outro. No caso do esteta, este deixa de lado seu “eu” para realizar a conquista. A conquista não possui ainda a consciência, mas, sim, significa o querer ter. Após o ter, já está superado o estado não reflexivo. Ocorreu o primeiro instante da entrega, porém a verdadeira posse somente se efetiva depois. A conquista pode acontecer de imediato, mas a posse não. A conquista exige determinado trabalho, apesar de ser algo natural (embora o trabalho da posse seja mais difícil por ser pautado na reflexão e na verdade de si mesmo, requerendo tempo para que ocorra).

Com base nas concepções de Kierkegaard, conclui-se que o ético caracteriza-se pelo correto comportamento do indivíduo com a família e em relação ao trabalho. Esse modo de vida é configurado também por uma conduta séria e profícua adotada em conformidade com os padrões morais. Desse modo, aqueles que optam por uma existência ética vivem adequados com sua interioridade e exterioridade e, conseqüentemente, livram-se da angústia da solidão. Tal existência conforma-se com os ditames das regras sociais, implicando na vida em grupo, e, sujeita a normas preestabelecidas pelo grupo. Escapa ele de viver somente a sua interioridade, quando assume sua função social nesse grupo. Na vida ética, verifica-se uma ocorrência de conciliação da vontade própria com o viver social, no entanto, isso não significa uma prisão, uma vez que o que se faz ao outro é por vontade

própria. Ademais, observa-se ser possível uma idéia de sucessão entre os modos de existência, estética, ética e religiosa. Na medida em que um relacionamento amoroso passa por tais maneiras de se viver.

Kierkegaard entende somente ser possível amar verdadeiramente e realizar-se enquanto eu, bem como atingir a felicidade, no âmbito da existência religiosa. De um ponto de vista geral, o mesmo faz uma defesa da vivência religiosa, podendo-se dizer, que para ele, tal modo de vida é o mais autêntico, tanto na vida solitária como na vida a dois. Importante pontuar, a título de opinião pessoal, que essa era a maneira de entender do filósofo Kierkegaard; esse foi o modo do mesmo se relacionar no mundo, o qual rejeitou a vivência estética e a vivência ética, rejeitando sua noiva. Não há garantias de que sua teoria seja a melhor, na medida em que, para algumas pessoas é possível gozar e fruir a vida de maneira feliz, sem estar inserido em uma existência religiosa, estando em um relacionamento ou fora dele. Em um relacionamento, seja ele um noivado, união estável ou um casamento também não existe certeza de o mesmo tornar-se eterno ou permanente pelo fato de se viver atendendo aos ditames de uma existência religiosa, da forma como defende Kierkegaard, pois em um relacionamento dependemos sempre da honestidade do outro, e esta sim é uma das coisas que garante a permanência em um relacionamento.

Como viver na existência religiosa a dois como defende Kierkegaard na obra *O Matrimônio*? E se apenas um estiver interessado, tal vivência seria possível? Como viver a solidão da existência religiosa em um casamento, uma vez que o próprio autor afirma que não deve existir segredos entre o casal? Esses são interrogantes que surgem da nuvem escura que se forma após a leitura dessa obra um tanto intrigante e de certa forma ambígua. Pois como se observa, a exemplo da vida de Abraão e Sara, a fé de Abrão mostrou-se individual, pois o mesmo não pôde partilhar com sua esposa o mandamento de Deus. Tal fato está bem explicado e demonstrado na obra *“Temor e Tremor”* o qual constitui-se em um ato paradoxal, um ato de fé.

Ao defender a existência religiosa como a mais perfeita, Kierkegaard assevera que esta vivência faz o homem ter remediada sua angústia, tornando-se feliz, na medida em que faz o mesmo voltar-se para si e interiorizar-se, para atingir uma plena consciência do eu. Mas daí surge-me o seguinte interrogante: é preciso

mesmo ter uma consciência plena do eu para fugir do desespero? Será que todos os estetas são mesmo desesperados e sofrem? Acredito ser possível uma vivência ética ou estética feliz, sem a presença do religioso, uma vez que a presença ou não do que Kierkegaard define como desespero é algo pessoal. No entanto, para ele pessoas assim, sem consciência do seu desespero, seriam as mais desesperadas. Kierkegaard generaliza.

Algumas pessoas desistiram de pensar ou acreditar no caráter transcendental da vida, ou seja, algumas pessoas desconsideraram a existência da alma, este é um exemplo de pessoa, que para Kierkegaard seria das mais desesperadas, por não perceberem o caráter imperecível disso que ele denomina alma. No entanto, ao se observar pessoas assim, as mesmas parecem não possuir angústia frente ao fato, de desconsiderar tal existência. Diante disso, fica o interrogante: não seria a ignorância ou o desistir da possibilidade de uma vida eterna uma forma de fugir ou remediar o desespero?

Apesar de intrigante, ambígua, difícil, é de grande importância a teoria de Kierkegaard, uma vez que o mesmo apresenta em todo o seu labirinto filosófico uma preocupação com a conduta dos seres humanos, tudo isso na busca de se atingir a máxima felicidade, que para ele seria somente possível na vivência religiosa, com base na fé cristã. No entanto, sabe-se que a fé cristã é algo da esfera do absurdo, uma vez que não temos certeza absoluta da existência do espírito, pois não existe descoberta científica que prove tal existência, restando ao vivente acreditar e segundo Kierkegaard, sem duvidar. Mas como não duvidar de algo que não temos certeza? Nisso consiste o absurdo.

Ao ter que optar por alguma existência, estética, ética e religiosa como a mais perfeita, optaria por viver com paixão, independente de qual das três esferas escolhesse, optaria pela máxima Kierkegaardiana: “A verdade é verdade para mim”, nesse sentido escolheria a minha verdade, o qual deveria viver ou morrer por ela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. de; VALLS, A. L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DACOREGIO, A. A. **Os modos de vida em Kierkegaard**. 2007. 93p. Dissertação (Mestre em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EDUSP, 1975.

KIEREGAARD, S. **Vida e obra**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **O matrimônio**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.

_____. **Diário de um sedutor**. São Paulo: Martin Claret, 2002a.

_____. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002b.

_____. **Temor e Tremor**. Hemus, 2008.

_____. **O Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escritos**. Lisboa: Edições 70, 2002c.

NOGARE, P. D. **Humanismos e anti-humanismos**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VALLS, A. **Entre Sócrates e Cristo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado**. Porto Alegre: Escritos, 2004.